



“Perceção dos alunos sobre o ensino do Voleibol nas aulas
de Educação Física através do Modelo de Instrução Direta
e do Modelo de Educação Desportiva”

Relatório de Estágio Profissional

Relatório de Estágio Profissional
apresentado com vista à obtenção do
2º ciclo de Estudos conducente ao grau
de Mestre em Ensino de Educação
Física nos Ensinos Básico e Secundário
(Decreto-lei nº 74/2006 de 24 de março
e o Decreto-lei nº 43/2007 de 22 de
fevereiro).

Orientador: Professor Doutor Ramiro Rolim

Ricardo Filipe Soares Barbosa Alves

Porto, setembro de 2012

Ficha de catalogação

Alves, R. F. S. B. (2012). *Relatório de Estágio Profissional*. Porto: R. Alves. Relatório de Estágio Profissional para a obtenção do grau de Mestre em Ensino de Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário, apresentado à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

PALAVRAS-CHAVE: ESTÁGIO PROFISSIONAL, PROFESSOR, EDUCAÇÃO FÍSICA, REFLEXÃO, MODELO DE EDUCAÇÃO DESPORTIVA, MODELO DE INSTRUÇÃO DIRETA, COMPORTAMENTO.

Dedicatória

A vocês que sempre estiveram do
meu lado nos momentos em que
mais precisei e por concretizarem
parte dos meus sonhos

Agradecimentos

Agradeço a todos aqueles que de forma direta e indireta me ajudaram nesta “longa caminhada” de formação profissional, distinguindo os seguintes:

À Mestre Luísa Brandão, Professora Cooperante, por toda a disponibilidade, colaboração, orientação, conhecimentos transmitidos e pelo incansável acompanhamento. Obrigado por tudo.

Ao Professor Ramiro Rolim pelas sugestões dadas e pela transmissão de conhecimentos.

Aos meus colegas de Estágio, Paulo e Nuno, que foram um excelente companhia durante todo o estágio, pela partilha de ideias e conhecimentos, e pela amizade que desenvolvemos. OBRIGADO!

Aos “meus eternos alunos” da turma 10ºA da Escola Secundária Dona Maria II, pela oportunidade de me formar enquanto professor, pelos ensinamentos e aprendizagens mútuos. O meu muito OBRIGADO!

Aos meus pais, por estarem comigo e me apoiarem em todos os momentos da minha vida, por acreditarem em mim, facultando-me as condições necessárias para chegar aqui, sem eles não seria possível.

Ao meu irmão, por ser um exemplo para mim e por me ter auxiliado sempre que precisei.

A todos (aos penduras e a todos aqueles que por lá passaram...) que de certa forma conviveram na “mítica STAMPS”. Em particular aos fundadores e habitantes pelos momentos de companheirismo, amizade, descontração e felicidade. MUITO OBRIGADO!

A todos os meus amigos da FADEUP. Aos “FENOMENAIIS E AFINS”, por todos os momentos que partilhámos em conjunto.

A todos aqueles que, não sendo referidos especificamente, me ajudaram e apoiaram ao longo desta “caminhada”, um enorme OBRIGADO.

Índice Geral

Dedicatória.....	III
Agradecimentos.....	V
Índice Geral.....	VII
Índice de Figuras.....	XI
Índice de Gráficos.....	XIII
Índice de Anexos.....	XV
Resumo.....	XVII
Abstract.....	XIX
Abreviaturas.....	XXI
1. Introdução.....	1
2. Enquadramento Biográfico.....	7
2.1. Reflexão Autobiográfica: Percurso do Estudante – Estagiário e expetativas em relação ao Estágio.....	7
3. Enquadramento Da Prática Profissional.....	15
3.1. Referências ao Contexto Legal, Institucional e Funcional.....	15
3.2. Caracterização da Escola e do meio envolvente.....	17
3.2.1. A Escola.....	17
3.2.2. Instalações Desportivas.....	18
3.2.2.1. Espaços.....	19
3.2.2.2. Balneários.....	19
3.2.3. Gabinete do Grupo de Educação Física.....	19
3.2.4. O Núcleo de Estágio e o Grupo de Educação Física.....	20
3.3. A Turma 10ºA.....	21
3.4. O “Ser Professor” e a importância da Reflexão na prática docente..	24
4. Realização da Prática Profissional.....	31

4.1.	Organização e Gestão do Ensino e da Aprendizagem	31
4.1.1.	Conceção e Planeamento do Ensino	31
4.1.2.	Controlo da turma – Relação Professor/Aluno (10ºA)	34
4.1.3.	Avaliação	39
5.	Participação na Escola e Relações com a Comunidade	47
5.1.	Reunião Geral, Reuniões do Grupo de Educação Física Reuniões de Departamento e do Conselho de turma	47
5.2.	Atividades Realizadas pelo Núcleo de Estágio	52
5.2.1.	Magusto.....	52
5.2.2.	DonaSport	53
5.2.3.	Visita de Estudo ao Autocarro Bar.....	55
5.2.4.	Desporto Escolar	56
5.2.4.1.	Curso de Árbitros	57
5.2.4.2.	1º Encontro de Natação	58
5.2.4.3.	2º Encontro de Natação	59
6.	Desenvolvimento Profissional	65
6.1.	Estudo Investigação – Ação	67
6.1.1.	Resumo	67
6.1.2.	Abstract.....	68
6.1.3.	Introdução.....	69
6.1.4.	Objetivos da Investigação.....	71
6.1.4.1.	Objetivo Geral.....	71
6.1.4.2.	Objetivos específicos	71
6.1.5.	Revisão da Literatura.....	71
6.1.6.	Metodologia	76
6.1.6.1.	Método de Estudo.....	76
6.1.6.2.	Construção do instrumento de pesquisa.....	76
6.1.7.	Procedimentos.....	77

6.1.7.1. Caracterização da experiência MID e MED	77
6.1.7.2. Técnicas e/ou métodos e instrumentos utilizados ..	79
6.1.8. Amostra	81
6.1.9. Apresentação e análise dos resultados	81
6.1.10. Discussão dos resultados	84
6.1.11. Reflexão sobre o Estudo.....	86
6.1.12. Possíveis Limitações do Estudo	87
6.1.13. Conclusões	88
6.1.14. Referências Bibliográficas	89
7. Conclusões e Perspetivas para o futuro	93
8. Bibliografia	99
9. Anexos	XIX

Índice de Figuras

Figura 1. Escola Secundária Dona Maria II (passado e presente)	17
Figura 2. Polidesportivo exterior 1 e 2, Polidesportivo 1, Polidesportivo 2 e Ginásio	19
Figura 3. Balneários.....	19
Figura 4. Gabinete do Grupo de Educação Física.....	20
Figura 5. 10ºA.....	23

Índice de gráficos

Gráfico 1.	Distribuição da amostra segundo o modelo de ensino, no qual, consideram que os índices são maiores/menores	82
Gráfico 2.	Distribuição da amostra segundo os motivos para o inferior comportamento da turma na aplicação do MED	82
Gráfico 3.	Distribuição da amostra segundo o modelo de ensino, no qual, os alunos consideram que a turma apresentou melhores índices de comportamento.....	83
Gráfico 4.	Distribuição da amostra em função da preferência.....	84

Índice de Anexos

Anexo 1. Decisões Iniciais	XXII
Anexo 2. Manual do Treinador/ Capitão.....	XXIV
Anexo 3. Contrato Capitão - Treinador	XXIX
Anexo 4. Manual da Equipa	XXX
Anexo 5. Fotos Modelo de Educação Desportiva	XLVI

Resumo

Este documento, denominado relatório de estágio, surge como tarefa final para a conclusão do 2º ciclo em Ensino de Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário, lecionado na Faculdade de Desporto da Universidade do Porto (FADEUP). O objetivo deste, é descrever e refletir acerca da minha atividade no âmbito do estágio profissional. O Estágio Profissional (EP) apresentou-se como uma oportunidade marcante no desenvolvimento das minhas competências profissionais associadas ao ensino da Educação Física (EF). O estágio decorreu na Escola Secundária Dona Maria II e envolveu a leção de aulas a uma turma do 10º ano, constituída por 27 alunos, 11 rapazes e 16 raparigas. O processo de orientação foi realizado pelo Professor Orientador da Faculdade Ramiro Rolim, e pela Professora Cooperante Luísa Brandão. Em termos gerais, o relatório está dividido em sete capítulos, dos quais alguns se encontram subdivididos. Referindo-se o primeiro à Introdução, o segundo ao Enquadramento Biográfico, no qual refiro algumas das minhas vivências desportivas e o porquê da minha opção pelo curso de Educação Física (EF). O terceiro ao Enquadramento da Prática no Contexto Legal, Institucional e Funcional assim como a caracterização do meio e da turma, sendo ainda aprofundadas questões relativas ao “Ser Professor e à importância da reflexão na prática docente”. No quarto reflito sobre quatro áreas de desempenho previstas no Regulamento de Estágio: a Organização e Gestão do Ensino e da Aprendizagem (Conceção e Planeamento do Ensino), Controlo da turma-Relação Professor/Aluno, Avaliação. No quinto capítulo, reflito sobre a Participação e Relação com a Comunidade e no sexto sobre o Desenvolvimento Profissional. O sétimo e último capítulo refere - se às Conclusões e Perspetivas para o futuro, no qual faço uma retrospectiva do processo de estágio, indicando os aspetos mais relevantes e as minhas perspetivas para o futuro.

PALAVRAS-CHAVE: ESTÁGIO PROFISSIONAL, PROFESSOR, EDUCAÇÃO FÍSICA, REFLEXÃO, MODELO DE EDUCAÇÃO DESPORTIVA, MODELO DE INSTRUÇÃO DIRETA, COMPORTAMENTO.

ABSTRACT

This document, known as probation report, appears as the final task to complete the 2nd cycle in Teaching Physical Education in Primary and Secondary Education, taught at the Faculty of Sport, University of Porto (FADEUP). The purpose of this document is to describe and reflect on my activity within the professional stage, making reference to the practical slope, and to the reflections of what I learned during the same. The Professional Practice (EP) appeared as a remarkable opportunity to develop my professional skills related to the teaching of Physical Education (PE). The stage was held in the High School Dona Maria II and involved teaching lessons to a class of 10th grade, consisting of 27 students, 11 boys and 16 girls. The orientation process was conducted by Professor Ramiro Rolim, which is the Faculty Supervisor, and the Cooperating Teacher Louise Brandão. Overall, the report is divided into seven chapters, some of which are subdivided. The first chapter refers to the introduction, the second to the Biographical Background in which I refer some of my sports experiences and why I chose the course in Physical Education (PE). The third refers to the framework of practice in his Legal Context, Institutional and Functional, as well as the characterization of the mean and the class, being further explored issues like "Being Teacher and the importance of reflection on teaching practice". In the fourth I reflect on four areas of performance under Regulation Internship: Organization and Management of Teaching and Learning, Conception and Planning Education, Control class - Relationship Teacher – Student and Evaluation. The fifth reflects about the Participation and Relation with the Community, the sixth is about Professional Development, and the seventh and last refers to Conclusions and Perspectives for the future, in which I make a retrospective of the internship process, and i indicate the most relevant aspects, as well as the perspectives for the future.

KEY - WORDS: PROFESSIONAL STAGE, TEACHER, PHYSICAL EDUCATION, REFLECTION, EDUCATION SPORTS MODEL, MODEL OF DIRECT INSTRUCTION, BEHAVIOR.

ABREVIATURAS

EF - Educação Física

EP - Estágio Profissional

FADEUP - Faculdade de Desporto da Universidade do Porto

PC - Professora Cooperante

OE - Orientador de Estágio

NE - Núcleo de Estágio

PE - Professores Estagiários

MID – Modelo de Instrução Direta

MED – Modelo de Educação Desportiva

ESDMII – Escola Secundária Dona Maria II

UT – Unidade Temática

MEC – Modelo e Estrutura de Conhecimentos

PD1 – Polidesportivo 1

PD2 – Polidesportivo 2

PE1 – Polidesportivo exterior 1

PE2 – Polidesportivo exterior 2

G - Ginásio

1. Introdução

1. Introdução

O presente documento foi elaborado no âmbito da unidade curricular Estágio Profissional, inserida no segundo ano do 2º ciclo conducente ao grau de Mestre em Ensino de Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário, lecionado na Faculdade de Desporto da Universidade do Porto (FADEUP).

O Estágio Profissional decorreu na Escola Secundária Dona Maria II situada na cidade de Braga, num núcleo de estágio constituído por 4 elementos, Paulo Rodrigues, Nuno Silva, Raquel Felgueiras e por mim Ricardo Alves, tendo o nosso acompanhamento sido efetuado pelo Professor Orientador Ramiro Rolim e pela Professora Cooperante Luísa Brandão.

Durante o ano letivo 2011/2012 fui responsável pelo processo de ensino-aprendizagem da turma A do 10º ano de escolaridade, que havia sido atribuída à Professora Cooperante. Assim sendo, todos os fundamentos relativos à conceção, planeamento, realização foram realizados por mim, sob a permanente supervisão da mesma, tendo sido acompanhada pelo Professor Ramiro Rolim.

O Estágio Profissional apresentou-se como uma oportunidade marcante no desenvolvimento das minhas competências profissionais associadas ao ensino da Educação Física. A realização deste relatório tem como objetivos primordiais a descrição/reflexão da minha atividade no âmbito do estágio profissional, incorrendo, como tal, na vertente prática, nas reflexões e no que aprendi no decorrer do mesmo. Nesse sentido, o propósito deste relatório é o de retratar essa experiência formativa através de uma reflexão crítica e fundamentada.

Segundo Caires e Almeida (2000), o conceito de estágio pode ser definido “como uma experiência de formação estruturada e como um marco fundamental na formação e preparação dos alunos para a entrada no mundo profissional” (p. 219) .

O Estágio Profissional “é a componente curricular da formação profissional de professores cuja finalidade explícita é iniciar os alunos no mundo da prática docente e de desenvolver competências práticas inerentes a um desempenho docente adequado e responsável” (Formosinho, 2001).

Os objetivos inerentes à realização do estágio profissional são vários, Daresh (1990, cit. por Caires & Almeida, 2000) destaca os seguintes: “a aplicação das competências e conhecimentos adquiridos ao longo do curso a um contexto prático; o alargamento do repertório de competências e conhecimentos do aluno através da sua participação numa série de experiências práticas; o ensaio de um compromisso com uma carreira profissional; a identificação das áreas (pessoais e profissionais) mais fortes e aquelas que necessitam de algum aperfeiçoamento; ou, ainda, o desenvolvimento de uma visão mais realista do Mundo Profissional em termos daquilo que lhe é exigido e que oportunidades lhe poderá oferecer” (p. 221 2 222). Apesar de este ser o ano para o concluir do curso, e no qual tive oportunidade de exercer algumas das autênticas funções de um professor, este não deixa de ser mais um ano de formação académica, até pela condição de estudante estagiário com o qual encaramos o estágio profissional. Durante este ano tive a possibilidade de aplicar, adaptar e transformar tudo o que diz respeito à teoria, convertendo-a na prática. Com a realização deste estágio pretende-se que haja uma expansão de saberes, arquitetados com base numa prática profissional. Ao mesmo tempo, a realização deste estágio serve como “ponte” para o mercado de trabalho, como preparação e o adquirir de conhecimentos para a realidade com que me irei deparar no futuro.

A estrutura do relatório está organizada em 6 capítulos:

O primeiro refere-se à “Introdução”, onde realizo uma breve consideração acerca do que se tratará o trabalho propriamente dito.

O segundo capítulo relativo à “Dimensão Pessoal”, ao Percurso e Expetativas do estudante estagiário, no qual refiro a minha relação com o desporto, onde identifico as minhas experiências desportivas e académicas assim como o porquê da minha opção em seguir este curso e a via de ensino.

No terceiro, reflito acerca do “Enquadramento da Prática Profissional”, colocando ênfase no enquadramento do mesmo no Contexto Legal, Institucional e Funcional, com o intuito de dar a conhecer o contexto em que se desenvolveu, assim como a caracterização do meio e da turma, sendo ainda

aprofundadas questões relativas ao “Ser Professor e a importância da Reflexão na prática docente”.

No quarto capítulo reflito acerca de quatro áreas de desempenho previstas no Regulamento de Estágio: a Organização e Gestão do Ensino e da Aprendizagem, Conceção e Planeamento do Ensino, Controlo da turma – Relação Professor/Aluno, Avaliação.

No quinto capítulo realizo uma incursão sobre a minha “Participação na Escola e Relações Com a Comunidade”, expondo a minha participação efetiva enquanto estagiário na ESDMII de Braga.

No sexto capítulo, reflito sobre o “Desenvolvimento Profissional” onde é apresentado um “Estudo de Investigação-Ação”, que me permitiu alargar o conhecimento sobre a influência da aplicação do Modelo de Educação Desportiva no ensino do Voleibol. Verificando a perceção dos alunos relativamente à aplicação do Modelo de Educação Desportiva no 2º período comparativamente ao Modelo de Instrução Direta aplicado no 1º período.

O sétimo e último capítulo, diz respeito à “Conclusão”, na qual faço uma retrospectiva do estágio, indicando os aspetos mais relevantes e as minhas perspetivas para o futuro.

Para a realização destes pontos, foi fundamental a leitura e interpretação dos documentos relativos às tarefas do estágio, bem como outros documentos efetuados ao longo deste processo, tais como reflexões de aula, reflexões de atividades, planeamentos, o Projeto de Formação Individual e outros documentos importantes.

O estágio foi para mim, uma etapa não só complementar desta longa caminhada rumo à minha formação, mas sim a fase indispensável para o concretizar de um sonho. Apresentou-se como uma das tarefas mais complexas, trabalhosas e cansativas, mas que apesar das dificuldades previstas inicialmente, foi com grande motivação e entusiasmo que o encarei.

Apesar das dificuldades existentes em passar para o papel todos os momentos e sensações que este período me proporcionou, tentarei analisar e focar-me nos pontos mais relevantes.

Posto isto, a elaboração deste Relatório de Estágio, deve ser entendida como uma prática reflexiva sobre ação e sobre a reflexão na ação do Professor Estagiário, com o objetivo de aperfeiçoar as suas competências profissionais através do confronto entre a teoria e a prática.

2. Enquadramento Biográfico

2. Enquadramento Biográfico

2.1. Reflexão Autobiográfica: Percurso do Estudante-Estagiário e expectativas em relação ao Estágio

Cada um de nós é aquilo que constrói ao longo da vida, onde aquilo que vivemos se torna importante para a construção do presente e para o planeamento de um futuro.

Neste capítulo essencialmente refleti sobre a personalidade das experiências vividas por mim. Assim sendo, realizei uma incursão pelo caminho percorrido por mim na busca de um sonho que agora está tão perto de se concretizar.

Preferencialmente enfatizo aspetos relevantes da minha vida, que contribuíram para a minha formação pessoal, construção de uma identidade própria, de uma personalidade que hoje me permite ser a pessoa que sou.

Numa rápida análise aos meus dados pessoais é de salientar a minha data de nascimento, 9 de abril de 1986. Nascido e residente na cidade de Braga, onde desde que me lembro o “Desporto”, acompanhou a minha vida ao longo dos meus 26 anos.

Não posso afirmar que o facto de ter escolhido a profissão de Professor se trate de um “talento”, mas sim algo que foi crescendo dentro do meu eu, ao longo da vida.

Antes de surgir o gosto pela profissão “Professor”, surge o Desporto como foco que ilumina a minha escolha. Desde muito novo que este faz parte da minha vida, onde qualquer espaço era visto por mim e por quem me acompanhava como alvo de prática desportiva. Acredito que a escolha pela prática docente de EF, se deve ao facto de tencionar ligar a minha carreira profissional ao Desporto. Este gosto surge de uma forma inata. O gozo pela atividade desportiva liga-se ao ensino pelo facto de ao longo do meu percurso como estudante, alguns Professores se terem tornado influências importantes. A conjugação destes dois fatores tornou-se fundamental para a minha escolha, possibilitando-me assim, poder trabalhar em algo que realmente me dá prazer.

Na minha perspetiva só assim poderemos trabalhar por gosto e realizar esse mesmo trabalho com o máximo de profissionalismo.

Desta forma o crescente gosto pela docência e assídua prática desportiva levaram-me a escolher este caminho, o do ensino da EF, trilho difícil de uma formação sem fim à vista. Formação que como salienta Garcia (1992, p. 55) deve ser “encarada como primeira fase de um longo e diferenciado processo de desenvolvimento profissional”

Caminho esse que iniciou ainda no Secundário, com a escolha da área de Desporto, no 10º ano. No entanto a formação académica teve início formal em 2006, aquando da minha entrada na FADEUP e terminado em 2010, com o grau de Licenciatura em Ciências do Desporto. Posteriormente surge o objetivo de melhorar as minhas qualificações, ingressando em 2010 no Mestrado – 2º Ciclo em Ensino da Educação Física nos ensinos Básico e Secundário também na FADEUP.

Este percurso, recheado de experiências boas e outros menos boas, mas no qual vivenciei momentos inesquecíveis, que em tudo me permitiram crescer e adquirir aprendizagens importantes para a minha formação profissional, mas também pessoal.

Da conjuntura de momentos vividos longo destes anos, guardo com saudade a oportunidade que tive de realizar o programa de intercâmbio no Brasil, na cidade de João Pessoa-Paraíba, em 2010. Como poderei eu descrever uma das experiências mais significativas da minha vida?

“Eterno é tudo aquilo que dura uma fração de segundos, mas com tamanha intensidade que se petrifica e nenhuma força consegue destruir.” (C. Drummond de Andrade)

De todas as experiências vividas em 6 meses, não consigo eleger aquela que mais me marcou, apenas consigo lembrar com saudade todos os momentos bons e menos bons. Desde a chegada a uma cultura diferente, adaptação a esse novo mundo, à fase de total integração, onde inevitavelmente se adquire os hábitos e atitudes daquela cultura, até ao momento difícil da despedida. A diferença total de atmosfera, o calor, os rituais, a música, as pessoas, ou seja, todo um conjunto de fatores que constituem a

cultura que mais me fascinou. A tudo aquilo que inicialmente se estranha mas que posteriormente se entranha. Os resultados positivos alcançados pelo programa de intercâmbio, demonstram a importância das interações humanas e profissionais estabelecidas, que em tudo contribuíram para o meu crescimento como ser humano.

De toda a minha formação académica terei de enaltecer as distintas oportunidades de aprendizagem que a Faculdade de Desporto me proporcionou. Em momentos diferentes, quer a Licenciatura em Ciências do Desporto, quer o Mestrado de ensino de EF nos ensinos Básico e Secundário, facultaram-me aprendizagens e competências diferentes, mas ambas importantes. Na minha perspetiva, a licenciatura foca-se essencialmente na aquisição de conhecimentos práticos e teóricos das diferentes modalidades e disciplinas ligadas ao desporto e o mestrado mais interligado aos conhecimentos e competências necessárias para o ensino destas. Cada um destes momentos académicos, contribuiu de maneira diferente para a minha formação profissional. Relembro com alguma nostalgia os acontecimentos vividos na licenciatura, a excitação inicial, a irresponsabilidade natural da juventude, os momentos difíceis vividos no primeiro ano, com o aparecimento de uma lesão, que exigiu da minha parte um esforço tremendo para o concluir deste ano com sucesso. Desta formação retiro essencialmente o adquirir de conhecimentos ligados à prática das diferentes modalidades, de conhecimentos relativos ao funcionamento do nosso organismo em resposta ao exercício físico e de disciplinas ligadas à pedagogia, sociologia e psicologia. Do mestrado penso que, essencialmente, este não é mais do que a continuidade daquilo que foi apreendido ao longo da licenciatura. No entanto acabou por exceder as minhas expectativas, porque é vocacionado para a prática pedagógica, onde consegui adquirir novas competências e qualidades, apelando de certa forma à maior capacidade de refletir e inovar. Consegui adquirir saberes característicos do processo de ensino-aprendizagem e conhecimentos relativos à pedagogia de ensino. Morais e Medeiros (2007) acentuam que o desenvolvimento de competência almeja-se na utilização de uma variedade de estratégias, capacidades pessoais e tempo de as estruturar,

em função das aprendizagens que, numa ação subsequente, são alvo de reflexão e avaliação. Os autores sustentam igualmente que o interesse profissional docente tem passado pela redefinição do significado do que é ser profissionalmente um professor competente.

O EP emerge como etapa complementar da formação académica, etapa essa que surge como o finalizar de todo um processo, onde nesta última fase podemos aplicar todos os conhecimentos adquiridos e perceber finalmente o que é ser Professor.

As minhas expetativas relativamente ao estágio, inicialmente, eram elevadas, no entanto um pouco confusas. Ao mesmo tempo que sentia uma certa ansiedade para que começasse, tornou-se impossível dissociar deste sentimento o facto de, no momento, não me sentir totalmente preparado para o enfrentar. Na realidade esta é uma sensação que talvez tenha sido comum a todos os estudantes-estagiários, pois não sabia bem o que esperar desta primeira experiência como Professor. Apesar deste conjunto de sentimentos predominar, outros se aliaram, como o facto de poder lecionar na escola onde estudei durante parte da minha vida académica, onde vivi momentos importantes da adolescência, onde conheci pessoas que até hoje se tornaram importantes para mim, bem como reencontrar professores e funcionários que em tempos contribuíram para minha formação pessoal e para minha educação. Após esta primeira fase, do “como será”, surgiu o momento da verdade, em que pela primeira vez iria entrar na escola onde estudei, mas agora como professor. Momento onde iria conhecer a PC, rever pessoas que há imenso tempo não via e finalmente, o melhor, conhecer aqueles que iriam diretamente usufruir do meu trabalho, os alunos. Aliado surgiu a responsabilidade de conseguir realizar um bom trabalho, ser o mais competente e profissional possível, tendo sempre no consciente o desejo de proporcionar aos alunos as melhores vivências desportivas, retirando estes o máximo de conhecimentos, usufruindo assim de uma aprendizagem produtiva e qualificada. Seria a partir daquele momento que iriam ser enfrentados os desafios característicos da prática docente, onde seriam aplicados todos os conhecimentos e capacidades adquiridas ao longo da formação académica. Não desconsiderando a prática

pedagógica, que pude vivenciar no 1º ano de mestrado, penso que não me permitiu disfrutar completamente das verdadeiras interações que se vivem na escola. Neste contexto, decidi encarar esta última fase da formação inicial com o máximo de seriedade.

Depois emergiu mais um momento importante desta caminhada, o da primeira aula. Ocasão que se desenvolveu de forma natural, onde tive oportunidade de me dar a conhecer aos alunos e estes me conhecerem. No decorrer da primeira chamada à turma, a espaços, fui tentando perceber o que se passava na cabeça dos alunos, tentando descobrir a personalidade de cada um. No passar deste primeiro instante não foi fácil esconder o nervosismo sentido e falta de confiança momentânea, onde ao longo do meu discurso “milhares” de pensamentos e questões iam surgindo na minha cabeça, ansiando que aquele momento passasse o mais rapidamente possível. No entanto, o nervosismo/ansiedade/desconfiança foram-se desvanecendo ao longo das primeiras aulas, surgindo a cada instante letivo mais convicção, certeza e crença no trabalho que estava a desenvolver.

3. Enquadramento da Prática Profissional

3. Enquadramento da Prática Profissional

3.1. Referências ao Contexto Legal, Institucional e Funcional

Sendo o EP um estrema essencial da formação de futuros professores, encontra-se constituído pela interação de orientações legais, institucionais e funcionais, que encaminham todo o processo da realização do estágio.

O regulamento legal deste modelo de Estágio foi inicialmente desenvolvido no ano letivo de 2009/2010. Tomando em conta a importância dos princípios das orientações legais constantes nos Decretos - Lei nº 74/2006 de 24 de março e nº 43/2007 de 22 de fevereiro. Assim como do regulamento geral dos segundos ciclos da UP, do regulamento geral dos segundos ciclos da FADEUP e do regulamento do curso de Mestrado em Ensino de Educação Física, que se refere ao grau de Mestre e à obtenção de habilitação profissional para a docência.

Com a reestruturação do ensino superior, ou seja, com a implementação do processo de Bolonha, pretende-se fomentar uma medida do ensino superior congruente em que a mutabilidade, colaboração, comparabilidade e transparência se tornam traves mestras deste processo.

O EP ocorre num Núcleo de Estágio (NE), onde no contexto escolar somos diariamente acompanhados pelo(a) PC, que é a professora a quem foi atribuída a turma onde o estudante-estagiário é o responsável pelo processo de ensino/aprendizagem, sendo ainda acompanhado pelo Professor Orientador da Faculdade (PO). Todo o processo de conceção, planeamento e realização é supervisionado pelo PC e juntamente seguido pelo PO.

A nível institucional é uma unidade curricular do segundo ciclo de estudos tendente ao grau de Mestre em Ensino de Educação Física da FADEUP, decorrendo no terceiro e quarto semestre do período de estudos. Enquanto as unidades curriculares referentes ao primeiro e segundo ciclo de estudos estão direcionadas para o sistema de ensino na escola e para a “dom” de ensinar, o terceiro e o quarto focam-se essencialmente na Prática Pedagógica Supervisionada, exercendo a função de professor de Educação Física (EF) num âmbito real.

A escola é um espaço de produção de conhecimentos, exercício da cidadania, de formação/afirmação e produção de identidades. Em parceria com outras instituições sociais, “fabrica” os indivíduos da modernidade. Essa produção não se constitui de forma repressiva, mas de maneira tão subtil que algumas ações escolares nem são percebidas como instrumentos de individualização.

Neste sentido a Escola é o espaço, onde cada indivíduo (aluno), desenvolve as suas capacidades cognitivas/motoras, potenciando-as em conjunto com a população que constitui a comunidade escolar a que pertence. Meio escolar que não se refere apenas à Escola propriamente dita, mas também a todo o meio cultural que a envolve, possibilitando estas interações o desenvolvimento, formação e produção individual dos indivíduos como membros pertencentes a uma sociedade.

A nível funcional é de salientar que a principal função do EP é de orientar o estudante estagiário para a prática docente real. Neste terá de desempenhar todo um conjunto de funções/tarefas que um professor deve cumprir, isto é, enfrenta o papel de professor numa experiência supervisionada.

Neste contexto é fundamental que o estudante estagiário seja capaz de identificar que a prática pedagógica não se alicerça essencialmente no ensino, mas sim na execução de um conjunto de tarefas que deve cumprir. Sendo responsáveis por uma turma e por cada elemento, que individualmente a compõe. Além do conjunto de aprendizagens de foro didático das quais é responsável, tem, também, que ter a consciência de que estão a formar pessoas. Portanto, o seu papel passa também por promover nos alunos comportamentos adequados, boas condutas, responsabilidades, noções de espírito de grupo que os ajudem no seu quotidiano, e a integrarem-se na sociedade.

3.2. Caraterização da Escola e do Meio Envolvente

3.2.1. A Escola



Figura 1 – Escola Secundária Dona Maria II (passado e presente)

O Liceu Nacional D. Maria II foi criado a 31 de março de 1964, pelo Decreto-Lei nº 45 636/64, assinado pelo Ministro da Educação Nacional, da altura, Inocêncio Galvão Teles, sendo indicado como um liceu feminino.

Fruto da revolução do 25 de abril de 1974, passa a Escola Secundária e abre as suas portas aos estudantes do sexo masculino, trabalhando desde então em regime triplo, diurno e noturno, sendo frequentada por mais de 2.000 Alunos.

A Escola tem funcionado em regime triplo, com uma oferta educativa centrada nos cursos gerais, dirigidos para o seguimento de estudos.

Situa-se no centro da cidade de Braga e insere-se na área geográfica da freguesia de S. José de S. Lázaro. Foi uma das Escola abrangidas pelo Programa de Modernização do Parque Escolar do Ensino Secundário, e encontra-se já devidamente remodelada, apresentando assim notáveis condições a toda a comunidade educativa, podendo destacar-se no percurso escolar quer dos alunos, quer do corpo docente.

Em poucos anos a freguesia de S. Lázaro (uma das raras autarquias portuguesas que se sabe o dia exato da sua criação, a 5 de setembro de 1747, onde até esta data, inteirava a freguesia de S. Vítor) transformou-se na área de centralidade por excelência. A Loja do Cidadão é o organismo mais recente, por reunir vários serviços do poder central e local. A freguesia de S. Lázaro

conta com 39 equipamentos sociais, surgindo em primeiro lugar nas 265 freguesias dos seis municípios que integram a sub-região do Vale do Cávado.

O seu comércio serve principalmente a população residente. É na área da freguesia que está implantado o Parque de Exposições, onde se executam diversos eventos económicos e a Feira Semanal, funcionando também como Sede da Associação Industrial do Minho e ainda o Tribunal Administrativo e Fiscal de Braga.

A ESDMII é frequentada por mais de 1000 alunos, distribuídos pelo 7º, 8º, 9º, 10º, 11º e 12º ano de escolaridade, nos diversos Cursos: Curso Científico Humanístico de Ciências e Tecnologia; Curso Científico Humanístico de Ciências Socioeconómicas; Curso Científico Humanístico de Artes Visuais; Curso Científico Humanístico de Línguas e Literaturas, CEF'S e Cursos Profissionais. Tem um funcionamento em regime triplo: Diurno (Aulas de Manhã/Tarde) e Noturno.

3.2.2. Instalações desportivas

Como Instalações Desportivas, a escola dispõe de um Ginásio (onde se ministram de preferência aulas de Ginástica), dois Polidesportivos, um totalmente coberto (PD2), outro semi-coberto (PD1) e um Polidesportivo Exterior, que é dividido em dois espaços de aula. No Polidesportivo 1 coberto, é possível ensinar todas as modalidades exceto Ginástica, possuindo marcações de campos de Voleibol, Andebol, Futsal, Basquetebol e Badminton. No Polidesportivo 2 coberto, é possível lecionar Ginástica, Badminton, Basquetebol e Voleibol. No Exterior somente se pode praticar Voleibol, Basquetebol e Badminton. Quando chove, o Polidesportivo Coberto 1, é repartido por dois professores. O diretor das instalações desportivas é o Dr. Pedro Oliveira, docente da disciplina de Educação Física. Durante o ano letivo (1º, 2º e 3º Período) tivemos ao dispor das aulas de Educação Física os 4 espaços mencionados anteriormente.

Todos os espaços letivos disponibilizados pela ESDMII, permitem aos professores desenvolver o seu trabalho da melhor maneira, todos eles concedem condições de excelência para a prática das diferentes modalidades.

3.2.2.1 Espaços



Figura 2 - Polidesportivo exterior 1 e 2, Polidesportivo 1, Polidesportivo 2 e Ginásio.

3.2.2.2. Balneários

A Escola dispõe de 10 balneários que estão distribuídos pelos espaços que cada turma vai utilizar. Para além de disponibilizar um número razoável de balneários, estes põe ao dispor dos alunos condições de excelência.

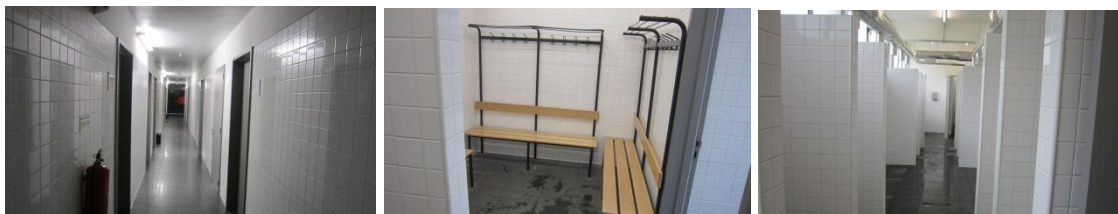


Figura 3 – Balneários

3.2.3. Gabinete do Grupo de Educação Física

Existe um gabinete próprio para o Grupo de EF, equipado com 2 computadores, mesas, cadeiras, sofá, armários e ar condicionado. É um local onde o grupo se reúne para tratar dos assuntos referentes à disciplina e onde o núcleo de estágio (NE) trabalhou ao longo do ano letivo 2011/2012.



Figura 4 – Gabinete do Grupo de Educação Física

3.2.4. O Núcleo de Estágio e o Grupo de Educação Física

O núcleo de estágio de Educação Física da Escola Secundária c/3º Ciclo D. Maria II (ESDMII) do presente ano letivo, foi composto por mim, Ricardo Alves, pelo Paulo Rodrigues, Nuno Silva, Raquel Felgueiras e foi orientado pela Professora Cooperante Luísa Brandão. Dos membros constituintes deste núcleo, o único que conhecia bem e com quem tinha uma relação mais próxima, era o Paulo Rodrigues. Este já era meu conhecido de anos anteriores à minha incursão na vida universitária, tendo sido meu colega durante a licenciatura, sendo também durante 4 anos da minha formação um dos colegas com quem dividi casa, no Porto. Assim tornou-se importante para mim, o facto de poder realizar o estágio na companhia de uma pessoa já conhecida e amiga. Relativamente ao Nuno e à Raquel, apesar de frequentarmos o mesmo mestrado na FADEUP, não nos conhecíamos. Embora já me tivesse cruzado com os dois ao longo do ano letivo anterior, nunca tinha mantido qualquer tipo de relacionamento com nenhum dos dois. No entanto, não penso que este fator tenha sido negativo, antes pelo contrário, assim tive a oportunidade de poder contactar com novos colegas, com diferentes dinâmicas e perspetivas de trabalho. Esta oportunidade de poder trabalhar e partilhar ideias com pessoas diferentes, na minha opinião, é fundamental para uma melhor formação como Professor. A partilha de ideias e a dinâmica de trabalho em grupo é essencial para a nossa formação superior, visto que nesta fase ainda somos todos muito

“verdes” e o facto de podermos trabalhar em conjunto possibilita-nos uma melhor evolução como pessoas e professores.

O corpo docente constituinte do grupo de educação física, era formado por 9 professores, do qual faz parte a Coordenadora do Departamento de Artes, Tecnologias e Desporto, a Dra. Maria João Lobo. Foi com este grupo que partilhei a maior parte do tempo passado na Escola e foi com estes professores que adquiri maior confiança e por consequência maior afinidade com o meio escolar.

3.3. A turma 10ºA

Sendo cada individuo considerado como um ser único e tratado de acordo com as suas características, quer de carácter físico, psicológico, social e motor, torna-se importante que o conhecimento sobre cada aluno seja o mais profundo possível. Só assim as situações de aprendizagem poderão ser mais específicas e ajustadas, tornando-as assim mais significativas.

O destaque que se tem dado à educação, nos últimos anos, surge essencialmente da importância que se tem fornecido às instituições educativas na sociedade e aos membros que a constituem.

É neste sentido que se torna fundamental para os professores desenvolver um trabalho o mais aproximado da realidade onde se inserem e principalmente ao grupo de indivíduos para o qual lecionam. Neste sentido, a caracterização da turma, neste caso em particular do 10ºA, tornou-se um documento imprescindível para o êxito do processo de ensino-aprendizagem.

A investigação dos dados, recebidos através da Ficha Sociobiográfica (fornecida pela DT e comum a toda a escola) e da Ficha de Caracterização do Aluno (elaborada e fornecida pelo Núcleo de Estágio de Educação Física), possibilitou obter conhecimentos dos alunos relativamente à sua Identificação Pessoal, Relação com a Escola, Identificação e Dados Sociais do Agregado Familiar, Relação com a Disciplina de Educação Física e com o seu Professor, Atividade Física Extra-Curricular e Saúde e Hábitos Alimentares.

Esta turma inseria-se no curso de Ciências e Tecnologias e no que diz respeito à sua composição, continha 27 alunos. A percentagem de raparigas (16 alunas-59%) era superior à dos rapazes (11 alunos-41%). Era homogénea no que diz respeito às idades, todos os alunos tinham entre 15-16 anos (média de 15 anos), sendo toda a turma de nacionalidade portuguesa. Ao nível da área de residência, foi possível deslumbrar que esta continha uma distribuição evidentemente heterogénea dos alunos. Sendo quase todos provenientes da periferia da cidade de Braga.. A turma apresentava alunos provenientes de diferentes instituições, sendo que existiam 3 grandes grupos que vinham da mesma escola – EB2/3 do Cávado (26%), EB2/3 de Real (19%) e da EB2/3 de Celeirós (19%). Apenas 3 alunos já tinham frequentado a ESDMII no ano anterior (repetentes). Apesar de a turma apresentar alunos provenientes de diferentes escolas, esta demonstrou ser muito unida, facto que possibilitou alcançar sucesso escolar nas diferentes disciplinas. A média de idades dos Pais situava-se entre os 41 e os 50 anos No que diz respeito ao agregado familiar, em termos académicos, as mães dos alunos possuíam, na sua maioria, o Ens. Secundário (33%), de seguida o 3.º Ciclo (30%) e em último o 2.º Ciclo (26%). Relativamente aos pais, grande parte concluiu o 3.º Ciclo (37%) e o Ens. Secundário (26%) seguindo-se o 2.º Ciclo (19%). De uma forma geral, os alunos pertenciam a agregados familiares pouco numerosos, sendo que 7 alunos são filhos únicos, seguindo-se 17 alunos com 1 irmão e 3 com 2 irmãos. A maior parte dos alunos deslocava-se para a escola em transportes públicos (78%), sendo que 12 alunos (44%) residiam a uma distância casa – escola de 5 a 10 km e 37% dos alunos de 1 a 5 km, demorando a sua maioria cerca de 10 a 20 minutos e 20 a 30 minutos a chegar à escola. Apesar de se verificar que grande parte provinha de zonas da periferia da cidade, e sendo uma das aulas às 8h25m, não se registaram muitos atrasos ao longo do ano. Esta apresentava uma taxa de retenções de 19% (6 alunos todos no 10ºano). Foi possível constatar que 12 (44%) praticavam atividade física fora da escola e 15 (56%) não. Por motivos de saúde 6 alunas mencionaram ter dificuldades na prática de E.F, visto terem referido sofrer de doenças como anemia, asma e problemas de coluna. Não era uma turma em que os seus intervenientes

adoeciam com muita frequência. No entanto 2 alunos (7%) já realizaram intervenções cirúrgicas. A disciplina escolhida como preferida foi Educação Física (74%), condição que também contribuiu para o sucesso das aulas e do processo ensino – aprendizagem.



Figura nº5 – 10ºA

3.4. O “Ser Professor” e a importância da reflexão na prática docente (Professor Reflexivo).

“Sou professor a favor da decência contra o despudor, a favor da liberdade contra o autoritarismo, da autoridade contra a licenciosidade, da democracia contra a ditadura de direita ou de esquerda.

Sou professor a favor da luta constante contra qualquer forma de discriminação, contra a dominação económica dos indivíduos ou das classes sociais.

Sou professor contra a ordem capitalista vigente que inventou esta aberração: a miséria na fartura.

Sou professor a favor da esperança que me anima apesar de tudo.

Sou professor contra o desengano que me consome e imobiliza.

Sou professor a favor da boniteza de minha própria prática, boniteza que dela some se não cuido do saber que devo ensinar, se não brigo por este saber, se não luto pelas condições materiais necessárias sem as quais meu corpo descuidado, corre o risco de se amofinar e já não ser testemunho que deve ser de lutador pertinaz, que cansa mas não desiste”

(Paulo Freire)

Hoje em dia, ser Professor é escolher uma profissão para lá de auspiciosa. É extremamente importante uma transformação radical do professor na sua maneira de enfrentar o ensino. O ensino tende exponencialmente a ser encarado com uma profissão e não como um simples ofício onde a reflexão sobre a prática adquire um papel fundamental na melhoria do processo de ensino (Maria Lúcia, 2001).

As transformações que a sociedade, e consequentemente, a escola vão sofrendo ao longo do tempo, andam de mãos dadas com a capacidade adaptação do Professor a essas mesmas alterações.

Maria Lúcia (2001), indica que “ensinar é mais do que uma extensão do trabalho doméstico ou mera execução de tarefas”. A Professora acredita que uma sociedade que quer ser igualitária e democrática “necessita de um professor que aprenda a discutir, argumentar e construir coletivamente o saber científico e o espaço escolar, superando os conflitos e convivendo com as diferenças”.

Na prática, hoje em dia, os professores não são mais transmissores de informação, mas sim transformadores dessa informação em conhecimento, usando as teorias na prática. O professor deve ser capaz de “aprender a aprender” com os alunos e com toda a comunidade que compõe o seio escolar (Maria Lúcia, 2001). Passou de transmissor de conhecimentos e de valores, para um orientador que proporciona aos seus alunos os instrumentos necessárias para que estes sejam capazes vingar no mundo industrializado, que permanece em constantes mudanças, podendo assim corresponder às novas exigências das sociedades. Estas mutações obrigam a que o professor assuma novos papéis, mais complexos e exigentes, só assim poderá melhorar as suas qualidades e competências. Com estas modificações a atividade profissional inerente ao Professor não termina na sala de aula, difundindo-se por toda a comunidade escolar, implicando uma nova formação profissional, especialmente no que diz respeito à formação inicial, começando a ser construída a partir do momento em que se resolve abraçar a carreira docente.

Na definição de Formosinho (1992) “O Professor da escola e de massas deve ser um novo Professor, uma pessoa psicologicamente madura e pedagogicamente formada, capaz de ser o instrutor e o facilitador da aprendizagem, o expositor e o individualizador do ensino, o catalisador empático de relações humanas e o investigador, o que domina os conteúdos e o modo de os transmitir, o que ensina para se aprender e ensina a aprender a aprender”, assim sendo o Professor é um ator, um educador cívico, social, moral, um modelo a seguir, um avaliador dos alunos e dos processos de ensino aprendizagem.

O “Ser Professor” obriga-nos a estar todo tempo a pensar em encorajar os nossos alunos a novas descobertas, na procura de novos conhecimentos, na formação do autoconhecimento. Para tal, teremos que estar constantemente preocupados em tornar as nossas aulas mais atraentes, estimulantes e agradáveis, procurando auxiliar os alunos a procurarem novos desafios, a descobrirem quem são e do que são capazes. Torna-se importante ser capazes de nos aventurarmos com os alunos na construção de novos conhecimentos, quer para eles, como principais beneficiadores do nosso

trabalho, quer para nós professores, pois só assim poderemos continuar aprender e a evoluir, procurando melhorar as nossas capacidades e competências (Denise, 1999).

Denise (1999) faz referência a que “ é fundamental que tenhamos consciência de que somos modelo de valores e padrões que o aluno imitará ou rejeitará, levará na lembrança para a vida toda ou esquecerá”. Todo o trabalho que é realizado por nós Professores tende a ser supervalorizado, positivamente ou negativamente, por aqueles que mais beneficiam das nossas ações.

Portanto, o “Ser Professor” não é uma profissão fácil, mas também não poderemos afirmar que será impossível. Esta é uma profissão mediada por desafios, dilemas e conquistas. Hoje em dia verifica-se que com as alterações que têm ocorrido na sociedade, as exigências feitas aos Professores são cada vez maiores. Com as modificações que as sociedades têm sofrido ao longo dos tempos e aquelas que obrigatoriamente vão surgindo, obriga a que o processo de educação tenha cada vez mais importância na atividade do Professor. O facto de os pais não terem tanto tempo para educação dos educandos, faz com que nós tenhamos gradualmente maiores responsabilidades neste processo. Como refere Cunha (2008), o Professor é “capaz de moldar o educando quando os seus responsáveis não têm tempo nem contacto necessário para os formar”. Com tudo, na minha perspetiva, este não é o papel principal da atuação do Professor. Ele tem a sua cota parte na definição da educação dos educandos, mas não deverá ser o responsável por esta. Como foi dito anteriormente, nós, sem dúvida, seremos modelos de padrões e valores para os nossos alunos, mas não deveremos ser totalmente responsáveis por este processo. Sim, desempenhamos uma função importante, e por ventura como a nossa sociedade se encontra, assumiremos um papel fundamental neste processo, mas com um significado diferente daquele que deve ser atribuído aos pais. Esta é uma função paralela, mas não uma das principais funções do docente.

Como se tem verificado, no nosso quotidiano, o professor é cada vez mais um modelo para os alunos e como salienta Cunha (2007), este deve ser “capaz de responder às transformações económicas, sociais, culturais,

científicas e tecnológicas”. Estas transformações obrigam a que o Professor consiga corresponder, adaptando-se a estas mudanças, permanecendo constantemente atualizado. Visto que no séc. XXI a procura pelo conhecimento é de extrema importância para o sucesso profissional. Nesta lógica a contribuição do docente é essencial, tendo a sua ação cada vez mais o objetivo de saciar esta sede de conhecimento, cumprindo assim com o papel que hoje em dia é atribuído à educação, o de fomentar o desenvolvimento dos indivíduos e da sociedade. Para tal e como já referido, o professor deixou de ser um mero transmissor de conhecimentos, bem como os alunos deixaram de ser um armazém dos mesmos, deixando assim de funcionarem como meros recetores destes conhecimentos, onde não se preocupam apenas em guardar e arquivar o que lhes é transmitido. O professor do séc. XXI tem cada vez mais a tarefa de arquitetar o caráter e o espírito das novas gerações, tentando impulsionar nos alunos um espírito crítico e de reflexão, tornando-os cidadãos ativos e responsáveis, e não apenas meros observadores.

Portanto, Ser Professor é atender a todos estes aspetos, permitindo a cada um encarar novos problemas e procurar novos caminhos.

Sendo o modelo de estágio utilizado pela faculdade um modelo que promove um desenvolvimento profissional que assenta na elevada capacidade reflexiva, ou seja, na formação de Professores críticos, a procura constante de novos conhecimentos torna-se fundamental. Assim a reflexão surge como uma “arma” indispensável para a configuração de uma identidade profissional que não se considere imóvel e pré-determinada, mas que assente na combinação entre os saberes adquiridos e a busca continua por novos conhecimentos.

Um Professor será considerado reflexivo se for capaz de se questionar, criticando a sua própria prática e realizando juízos de valor sobre o seu trabalho e do que resulta dele (Amaral et al., 1996). Assim, a reflexão deve abranger toda atividade que interfere na tomada de decisão, tendo então que ter em conta, o contexto escolar, métodos e estratégias de ensino, finalidades e objetivos, conhecimentos e capacidades do desenvolvimento dos alunos, fatores que influenciam aprendizagem, o sistema de avaliação, ou seja, a razão do ser Professor (Alarcão, 1996).

O uso da reflexão, é uma das traves mestras do modelo de estágio da faculdade, na minha opinião, esta é sem dúvida parte fundamental da prática docente e de tudo que a envolve. A análise crítica e reflexiva do sistema educativo, mais propriamente sobre a prática, foca o trabalho realizado pelo professor, onde este através da reflexão pode refletir sobre o que correu mal e o que correu bem, se a preparação da aula foi suficiente ou não e se as propostas de aprendizagem foram adequadas aos alunos. Ou seja, se tudo aquilo que compõe o processo de ensino-aprendizagem teve o efeito desejado ou se poderá ser melhorado, pois o professor não é portador de todo o conhecimento e deverá sempre que possível recorrer à procura de mais e melhores conhecimentos, sendo a reflexão parte fundamental da evolução profissional.

Como menciona Bento (1995), “não existem receitas que possam ser guardadas como soluções para futuras situações”, ou seja, cada caso é um caso, cada situação é irrepetível, cada turma é uma turma, tendo o professor que se adaptar, daí a capacidade reflexiva ser essencial para o melhorar/aperfeiçoar das capacidades e competências do “Ser Professor”.

Pode-se então constatar que as tarefas a desempenhar são cada vez mais diversificadas, transpondo em muito o conhecimento específico de determinado âmbito, ou a área à qual estão incumbidos de ensinar, tendo a prática reflexiva uma importância ampliada. Como afirma Domingos (2003) “a reflexão facilita o desenvolvimento de competências de resolução de problemas ao promover a capacidade de reformular a experiência, gerar alternativas e fazer interferências com base no conhecimento prévio, e ainda avaliar ações no sentido de construir novas aprendizagens”.

4. Realização da Prática Profissional

4. Realização da Prática Profissional

4.1. Organização e Gestão do Ensino e da Aprendizagem

A Organização e Gestão do Ensino e Aprendizagem adquire uma influência indubitável na execução do EP, baseando-se na configuração de um plano de intervenção, guiada por objetivos pedagógicos, que honre o conhecimento válido no ensino da EF e conduza com eficácia pedagógica o processo de educação e formação do aluno na aula de EF (Matos, 2010).

Assim sendo, neste capítulo tenho como objetivo transmitir a minha planificação, participação/intervenção ao longo do EP, focando os “temas” que achei serem mais relevantes para a execução deste EP.

Nos pontos seguintes irei expor algumas das áreas relevantes da minha intervenção, em que espelharei um conjunto de decisões, acontecimentos, onde a reflexão foi o principal colaborador que me levou a desenvolver todo o meu processo.

No âmbito da realização da prática profissional, esta foi a alínea que me obrigou a um maior investimento.

4.1.1. Conceção e Planeamento do Ensino

A tarefa prioritária do Professor diz respeito à conceção do processo de ensino – aprendizagem, que será o reflexo da sua atuação, visto que, será através da conceção que se irá basear o planeamento de uma estratégia de intervenção na prática.

Neste sentido, torna-se fundamental a análise aprofundada sobre o conhecimento sociocultural onde escola está inserida, bem como um conhecimento sustentado sobre o “público alvo” (os alunos) da intervenção do Professor, assim como das diretrizes que a escola propõe, ou seja, da composição curricular, do regulamento interno, do regulamento específico da EF, das planificações para as turmas do 10º ano e dos critérios de avaliação.

Além disto, foi fundamental realizar uma análise detalhada do calendário escolar e do sistema de rotação das instalações desportivas (roleman de instalações), para que assim pudesse saber em que local lecionaria a cada

momento letivo. os cinco espaços de ensino iam variando. O espaço exterior (PE1 e PE2) era partilhado por dois professores e caso chovesse, quem iria dar aula no PD1 teria que ceder metade do espaço para que o professor que daria aula no PE1 pudesse dar aula, enquanto que o professor e a respetiva turma que tinham aula no PE2 não teriam aula ou então teriam aula teórica, que era o que acontecia com o núcleo de estágio. Os restantes espaços eram disponibilizados a uma só turma.

Após ser realizada esta análise foram tomadas as primeiras decisões no que diz respeito ao planeamento a curto, médio e longo prazo, produzindo assim o guião para atuação. Depois de saber os espaços de aula onde estas seriam lecionadas, é que foi possível definir quantas aulas seriam dedicadas a cada modalidade. Só assim se pode fazer uma distribuição coerente, para que o professor organiza-se e estrutura-se mais facilmente a sua atividade.

A partir deste momento, a elaboração dos MEC's assumem um papel determinante, pois refletem tudo aquilo que será lecionado em cada modalidade durante o ano letivo. A realização dos MEC's foi algo que exigiu trabalho árduo por parte dos Professores estagiários, mas permitiu adquirir um conhecimento mais aprofundado através da investigação e reflexão sobre cada modalidade, fundamentalmente sobre aquelas em que o conhecimento é mais escasso.

A realização das unidades temáticas possibilitou estruturar o que seria abordado ao longo das modalidades, bem como os objetivos finais para cada uma. A produção destas foi condicionada pela prestação dos alunos nas avaliações iniciais realizadas nas primeiras aulas, adequando o modelo de ensino e as propostas pedagógicas ao nível dos alunos. Como é normal, ao longo das aulas foram ocorrendo determinados ajustes às unidades temáticas, consoante a prestação dos alunos ao longo das aulas. No meu caso em particular, a turma demonstrou ter dificuldades em determinadas modalidades, casos da ginástica, voleibol (modalidade que mais aulas foram dedicadas, foi no voleibol que decidi aplicar diferentes modelos de ensino, para a realização do meu estudo de investigação-ação), badminton e dança. A partir daqui a planificação do ensino foi adaptada, tendo em conta as dificuldades dos alunos

e a distribuição pelos espaços de aula, disponibilizando um maior número de aulas às modalidades que os alunos mais demonstraram ter mais contrariedades nas avaliações iniciais, tendo então decidido em concordância com a PC organizar o ensino da turma pelos níveis de aprendizagens elementar.

Os planos de aula foram então realizados em concordância com o que tinha sido estabelecido nas unidades temáticas, tendo a preocupação de preparar exercícios que respeitassem o planeamento, bem como ajustar os exercícios para que os alunos adquirissem aprendizagens significativas e motivadoras. Desta forma, as aprendizagens e progressões de ensino propostas por mim, foram sempre ao encontro das necessidades dos alunos e adaptadas às capacidades destes. Neste capítulo a reflexão aula após aula tornou-se fundamental para que assim conseguisse modificar o que tinha corrido mal e adaptar as situações de ensino às necessidades da turma.

Com é óbvio nem tudo o que planeava para as aulas (principalmente as primeiras) decorria da melhor maneira. Houve momentos em que tive de ajustar as situações para que os alunos superassem as dificuldades, bem como, existiram outras em que não consegui mas que com ajuda da PC e após reflexão de cada uma das aulas fui melhorando. É através do erro, e do reconhecimento deste, que nós aprendemos e nos tornamos melhores professores. É fundamental procurar aprender com os erros, para que assim possamos perceber a sua origem e realizar as alterações necessárias para que os alunos alcancem o êxito na execução das tarefas, encarando assim a realização das aulas com uma motivação acrescida. A não superação das tarefas propostas para as aulas por parte dos alunos até pode não os desmotivar, mas exige que da nossa parte seja feita uma reflexão e uma investigação de determinadas matérias para que assim se possa melhorar a nossa intervenção enquanto Professores.

4.1.2. Controlo da turma – Relação Professor/Aluno (10ºA)

No sentido das aulas decorrerem num ambiente favorável ao desenvolvimento e formação dos alunos, do processo de ensino - aprendizagem decorrer com sucesso, torna-se imprescindível controlar os alunos, controlar a turma, no que se refere ao respeito mútuo entre o Professor e estes, tal como entre os alunos (algo que sempre exige, acima de tudo o resto).

Sendo os alunos, os elementos chave de todo o processo de ensino – aprendizagem e para conseguir atuar perante estes da melhor maneira, procurei conhecer a turma e cada um dos elementos que a compõe da melhor forma. Neste contexto, a caracterização individual de cada aluno desempenhou um papel imprescindível, permitindo aprofundar um conhecimento mais pormenorizado sobre os alunos e consequentemente da turma em geral.

O primeiro contacto com a turma, no início do ano, permitiu-me desde logo retirar algumas ilações. Nas primeiras aulas do ano letivo, foi - me possível perceber que tipo de alunos iria ter à minha responsabilidade.

“Em jeito de conclusão e expondo agora um pouco mais os meus sentimentos, continuo a achar que acabei por escolher uma boa turma para esta minha primeira experiência como Professor (...). Sinto que esta turma poderá facilitar um pouco o meu trabalho, pois parecem-me ser bastante empenhados e pela motivação que mostraram nesta primeira aula será muito benéfico para o desenrolar das aulas, o que me permitirá adicionalmente, melhorar as minhas competências como Professor, tornando-me assim num melhor Professor.” (Reflexão nº2, 21/09/2011)

“Quanto ao comportamento ao longo da aula, vi-me obrigado a chamar atenção alguns comportamentos inapropriados de alguns alunos. Num certo momento da aula, tive mesmo que parar, para chamar atenção dos alunos. Isto porque aquando da realização dos grupos, pedi expressamente para que ninguém se esquecesse do

grupo a que pertencia, para que as rotações fossem realizadas de forma eficaz, não havendo assim perdas de tempo desnecessárias. Se há coisa que não gosto, é falta de concentração perante as minhas explicações. Sei bem que talvez seja normal isto acontecer, mas como sou um pouco perfeccionista em relação alguns aspetos, gosto que todos prestem atenção, pelo menos á explicação dos exercícios e à forma como a aula será gerida e organizada, para assim ser possível realizar todas as avaliações.

Após o sucedido achei por bem reservar alguns minutos da parte final da aula para ter um breve conversa com os alunos sobre estes acontecimentos, tentando assim colocar um certo travão em certas atitudes/comportamentos de alguns alunos. Aproveitei também para fazer um pequeno balanço (reflexão), sobre as duas primeiras aulas, mostrando a minha satisfação para com eles, pelo facto de as aulas terem corrido bem e por na generalidade todos terem colaborado positivamente nas mesmas.

Em jeito de conclusão penso que no fim desta primeira semana, me sinto bastante satisfeito com o decorrer destas primeiras aulas e muito motivado para as próximas, esperando eu, poder manter este meu estado de “euforia” inicial, até ao fim do ano letivo.” (Reflexão aula nº3, 23/09/2011)

“Num competo geral a aula correu muito bem, os alunos mais uma vez colaboraram para que tudo tenha corrido tão bem. Espero mais tarde não me vir arrepender do que estou a dizer, mas realmente a minha turma parece-me ser muito acessível e que os alunos não são nada problemáticos. Penso que isto também se deve um pouco ao facto de desde o inicio, eu, ter optado por lidar com a turma de uma forma mais calma. Todas as aulas opto por ter um conversa com eles no fim da aula, para que em conjunto possamos fazer uma pequena reflexão sobre a aula, sobre o que correu bem, o que correu mal e o que pode vir a ser melhorado, quer da minha parte,

quer da parte deles. Acho que este tratamento da minha parte para com eles faz com que possa existir um certo clima de sintonia/harmonia entre as duas partes.

Resumindo e concluindo, estas 4 primeiras aulas de avaliações iniciais deram belíssimos indicadores para o que resta do ano letivo, a turma no geral apresenta indicadores positivos em todas as modalidades avaliadas.” (Reflexão aula nº5, 30/09/2011).

Nas primeiras aulas do ano letivo, foi-me possível perceber o que a turma me poderia oferecer em determinados aspetos. Neste capítulo do controlo tornava-se importante decidir que tipo de postura seria melhor adotar, para poder encarar a turma, se uma mais rígida ou mais flexível, ou seja, se optaria por ser um Professor autoritário ou um Professor permissivo.

A verdade é que inicialmente não sabia bem qual a postura adquirir, daí ter optado por verificar ao longo das primeiras aulas o que a turma iria exigir da minha parte. Visto esta ser bastante empenhada e ao nível do comportamento ser quase excelente, a minha postura não teria de ser de um extremamente rígido e inflexível. Foi neste contexto e como está mencionado nas citações acima, que a cada momento letivo foi tentando fazer perceber aos alunos que a minha postura perante estes seria de acordo com aquilo que eles fizessem ao longo das aulas. De facto, e após esta primeira experiência como professor, acredito que a minha prestação, ou a minha atitude perante os alunos é a de um professor mais permissivo e essencialmente calmo, sendo o reflexo daquilo, que penso ser uma das características da minha personalidade enquanto pessoa.

Assim sendo o controlo da turma não foi um problema ao longo do ano, visto que ao longo das aulas consegui adquirir o respeito dos alunos de uma forma progressiva, tendo que admitir que este foi um dos fatores potenciadores do bom relacionamento que existiu.

Os diversos momentos que reservei no fim de cada aula para que em conjunto pudéssemos refletir sobre esta, possibilitou que mutuamente nos fôssemos conhecendo e percebendo o que seria melhor para as “nossas” aulas. Acredito que estes momentos tenham sido fundamentais para que a

nossa relação tenha sido tão boa. O facto de ter permitido que estes intervissem nestes momentos, onde cada um (aqueles que assim entendiam) podia interagir e expor os seus sentimentos, pronunciando-se acerca da prática, foi importante para que estes adquirissem a confiança adequada entre eles e o Professor. Assim foi possível perceberem que tudo aquilo que era planeado e posto em prática nas aulas, era realizado para o bem destes e para o bom desenrolar das aulas. Para que os momentos de aprendizagem fossem o mais significativos possível e adequados às necessidades de cada um e da turma em geral.

Outro aspeto que ajudou a melhorar a nossa relação dentro das aulas foram, curiosamente, os momentos que vivemos “extra” aula. As conversas que tínhamos nos intervalos, nos momentos que antecediavam à aula, os momentos depois da aula e até os que se tornaram uma rotina. Como por exemplo, os instantes que vivemos durante todo ano depois da última aula da semana. Todas as sextas-feiras após o último momento letivo (que era a aula de E.F.), grande parte da turma (aqueles que podiam) ficava na escola depois da aula a praticar diversas atividades, onde uns jogavam futebol, outros voleibol, outros basquetebol, onde contavam com a colaboração e participação do Professor nas atividades.

Esta cumplicidade permitiu que, quer o Professor, quer os alunos, se fossem conhecendo melhor, fazendo com que a nossa relação se baseasse no respeito, no entendimento e na coesão do grupo. Como mencionam Rosado e Ferreira (2011), deve ser construído um ambiente de compreensão e de genuína preocupação com os problemas dos alunos, de forma a potenciar a sua adesão ao programa de ação do Professor.

Com isto tenciono evidenciar que durante um ano letivo, nós Professores estagiários temos a oportunidade de dar aulas a uma só turma, ou seja, onde a atuação do PE se define apenas a um conjunto de alunos, permitindo que nos foquemos essencialmente neles, partindo da nossa vontade dar o melhor perante estes. No fundo a aprendizagem dos alunos é o reflexo do nosso trabalho e daquilo que cada um deles dá ao longo das aulas.

Neste capítulo optei por ser o mais ativo possível junto destes, tentando a cada tarefa executada na aula, realizar as devidas correções perto destes, incentivando-os e motivando-os para a prática, dando os feedbacks necessários para o melhorar da prestação destes ao longo das aulas.

A partir do momento em que passei a conhecer melhor os alunos e eles a mim, tudo se tornou mais fácil porque, na minha opinião, quanto maior for o conhecimento, mais adequada será a minha intervenção sobre eles.

As estratégias que escolhi permitiram que se desenvolvesse uma relação diferente, uma afinidade que favoreceu o processo de ensino-aprendizagem, onde ao longo do ano foi notório o empenho dos alunos no sentido de não me desiludirem, bem como o meu compromisso no sentido de não os desiludir, dando o meu melhor, aplicando todos os meus conhecimentos e capacidades para o sucesso destes. Após o ano letivo posso afirmar que realmente a nossa relação foi extraordinária.

Como tive sempre presente na minha formação académica, o docente além de ter a capacidade de dominar aquilo que ensina, tem de ser capaz de transmitir o que ensina a alguém que quer aprender. Tendo sempre presente em si, o facto de, para além das tarefas subjacentes à profissão, que também terá que ser um gestor de recursos humanos, um gestor de relações humanas, onde neste sentido, a relação pedagógica entre professor e alunos, se torna numa relação especial. É a partir deste pressuposto que considero que o ideal de uma relação pedagógica não seja orientado de uma forma unicamente autoritária.

Em jeito de conclusão deste capítulo, o que posso proferir é que na minha perspetiva, o controlo da turma e a relação Professor-alunos (e vice-versa) estão intensamente relacionados. Um bom relacionamento permite que se consiga controlar a turma de uma forma mais eficaz, achando que as estratégias que utilizei ao longo das aulas iniciais e das aulas em geral, possibilitaram o bom desenrolar das mesmas, sendo que, tenho a perfeita noção de que cada caso é um caso, e na minha turma foi-me possível atuar desta forma.

Faz então todo o sentido afirmar que uma boa relação pedagógica proporciona um clima favorável à aprendizagem.

4.1.3. Avaliação

Ao longo do ano letivo o Professor, para além das tarefas de planificação e de realização, tem também a difícil de avaliar. É de referir que nenhum destes processos é independente, acabando todos por se interligar. A avaliação “é um elemento integrante e regulador da prática educativa, permitindo uma recolha sistemática de informações que, uma vez analisadas, apoiam a tomada de decisões adequadas à promoção da qualidade das aprendizagens” (Desp. Norm. Nº1 / 2005).

É inequívoco que o processo de avaliação representa um papel fulcral na prática docente, podendo considerar que avaliar não nos remete apenas para um processo de classificação dos alunos. Avaliar é uma tarefa central do professor (Bento, 1987, p.149), é uma função continua e intrínseca ao processo ensino – aprendizagem que nos permite conhecer a direção que todo o processo adquire, isto é, só através da avaliação é que se sabe se os objetivos planeados foram ou não atingidos. Enfim, uma análise/avaliação do processo e do produto (Bento, 1987, p.154) que nos dá uma clara ideia do desempenho dos docentes e dos alunos no decorrer do ano letivo.

Para a realização deste processo foi necessário a aplicação dos diferentes tipos de avaliação: diagnóstica, formativa e sumativa.

Para o concretizar destas três modalidades tive de desenvolver estratégias de avaliação, como a organização dos exercícios, dos grupos, a duração das tarefas e a definição de critérios de avaliação que me permitissem perceber o grau de sucesso dos alunos e através da avaliação formativa adquirir informação que me permitisse autorregular aprendizagem destes. Só assim pude tomar consciência e reconhecer de uma forma mais objetiva a evolução da aptidão motora dos alunos e de que forma a minha intervenção teve influência na aprendizagem destes.

Em termos práticos, a avaliação estruturou-se inicialmente por uma avaliação inicial (avaliação diagnóstica), avaliação aula a aula (avaliação formativa) e com fim numa avaliação final (avaliação sumativa).

A diagnóstica foi realizada no início do ano letivo para todas as UT, serviu para fornecer informação, para a planificação da UT de forma ajustada e contextualizada às necessidades e ao nível dos alunos. Foi na avaliação diagnóstica que senti maiores dificuldades, pois seria após esta que iria orientar todo o planeamento, quer das aulas seguintes quer do próprio período. O enquadrar os alunos num determinado patamar iria permitir perceber melhor as suas evoluções ao longo das aulas. A par destas dificuldades, surgiu também o receio de aplicar tarefas e exercícios que não fossem adequados ao nível dos alunos.

A avaliação formativa permitiu de uma forma geral e indireta, averiguar se os alunos estavam a reter os conteúdos ensinados, sendo realizada aula a aula. No que diz respeito avaliação formativa, a ferramenta utilizada para a realização desta, foi essencialmente a observação direta, no entanto, ao longo do ano e em determinadas modalidades recorri à utilização de fichas de registo (essencialmente na ginástica) e relatórios de aula. A par destas ferramentas a utilização de feedbacks demonstrou ser fundamental para perceber se os alunos seriam capazes de evoluir. Sem dúvida que agora percebo que a utilização do registo após a observação dos alunos ao longo das aulas teria sido importante para uma melhor compreensão da evolução destes, no entanto, considero que o facto de apenas termos uma turma à nossa responsabilidade, permite que esta observação seja suficiente. Este fator permite que tenhamos uma perfeita noção da evolução dos alunos, podendo desta forma perceber também as principais limitações de cada um. No entanto, ao longo do ano na UT de ginástica acabei por recorrer à utilização de fichas de registo, trabalhando a turma por grupos/equipas que ao longo da aula giravam pelas diferentes estações. A utilização destas fichas de registo, essencialmente deve-se às dificuldades apresentadas pelos alunos na avaliação inicial na execução dos conteúdos a ensinar. Desta forma aula após aula e dentro de cada grupo foi-me possível perceber aqueles que mais

dificuldades apresentavam e em que conteúdos mais dificuldades tinham. Sendo a ginástica a modalidade que mais receio tinha de ensinar inicialmente (pelos perigos da má realização dos elementos, bem como as brincadeiras que por vezes surgem e que não podem surgir na realização dos diferentes elementos gímnicos e que poderiam causar graves lesões), a utilização de determinadas estratégias mostraram ser fundamentais para uma melhor compreensão da evolução e da aprendizagem dos alunos. Estas estratégias demonstraram assim ser fundamentais para uma consequente melhor avaliação da minha parte, facilitando em parte a execução deste processo.

A avaliação sumativa foi realizada no final de cada UT (nas últimas aulas de cada período) e de acordo com os quatro domínios, as habilidades motoras, a condição física, a cultura desportiva e os conceitos psicossociais, sendo que nesta foi incorporada a realização de um teste teórico em cada período, onde a estrutura do teste era composta por questões sobre as modalidades ensinadas ao longo do respetivo período. Para a concretização deste processo, foi imprescindível recorrer à capacidade de observação e de comparação das prestações dos alunos. De uma forma geral, esta foi uma fase que inicialmente me trouxe dificuldades acrescidas, tanto ao nível do planeamento como da realização. Por um lado em conseguir estabelecer o que realmente seria importante observar e avaliar, e depois, como avaliar. Isto porque, para além da necessidade de ter de assegurar o controlo da turma, a gestão do tempo, do espaço e do material, entre outras funções, era essencial dedicar algum tempo à observação individual dos alunos e tentar perceber se o que executavam estava mais ou menos distante do critério de sucesso pré-estabelecido. A par desta dificuldade era fundamental tentar estabelecer comparações com os níveis apresentados inicialmente e verificar se existiu alguma evolução nas suas performances.

Foi na avaliação sumativa que senti sempre mais apreensão e dificuldade pelo facto de ser aquela que acabei por valorizar mais e aquela que me possibilitava apurar se realmente existiu alguma evolução na aprendizagem dos alunos. Relacionados com esta dificuldade surgem os critérios de avaliação, a sua seleção, pois era difícil defini-los de uma forma exclusiva de

modo a que fosse viável a sua correta observação para cada um dos alunos. A tarefa de observar/avaliar 27 alunos em uma ou duas aulas tornou-se bastante complexa. Esta função no decorrer do ano letivo tornou-se mais fácil com o acumular de experiência. Ainda dentro deste campo da avaliação, surge a classificação, a qual evidenciou ser uma tarefa mais difícil. De certa forma a classificação era a tarefa à qual tinha mais receio, por essencialmente não ter uma noção das notas que iria atribuir a cada um dos alunos.

Desta forma, posso afirmar que tive dificuldades em estruturar todas as fases de avaliação, de realizar a observação e avaliação em simultâneo, mas que no decorrer do ano letivo foi se tornando mais fácil. Nem tanto o facto de ter que lecionar a aula, controlar a turma e ao mesmo tempo realizar a observação/avaliação, mas sim a dificuldade de avaliar/classificar cada um dos alunos, sendo que, se torna inevitável a comparação entre cada um deles. Sentia que quando atribuí uma nota a um aluno inevitavelmente comparava essa mesma nota com aquela que tinha atribuído a outro aluno. “Se atribuo determinada nota a este aluno terei que dar mais ou menos aquele ou o outro?”. Embora tenha evoluído de forma gradual neste campo da avaliação, foi complexo atribuir a coerência necessária que estes momentos necessitam. Parecia que poderia correr o risco de ser injusto, ao não diferenciar cada um dos alunos e aquilo que estes tinham realizado ao longo do período e durante a UT.

Neste capítulo a colaboração da PC foi fundamental, a qual nunca deixou de me aconselhar, de me fazer perceber qual o melhor caminho a seguir através da sua vasta experiência. Em todos os momentos de avaliação a sua ajuda tornou-se imprescindível. A par da cooperação da PC, as conversas com os meus colegas de estágio e todas as aulas observadas (as minhas e as deles) revelaram ser muito úteis para esta fase. O estabelecer de comparações entre as minhas aulas e as deles, bem como o diálogo com estes permitiu-me perceber o que poderia alterar ou melhorar, ou mesmo o que não deveria, acabando por adquirir um papel fulcral no aperfeiçoar das minhas competências avaliativas como professor. A reflexão em conjunto sobre as falhas e sobre aquilo que cada um de nós poderia melhorar, demonstrou ser

fundamental para o aperfeiçoar da organização e gestão das aulas, bem como o melhorar, de uma forma geral, da qualidade das aulas.

5. Participação na Escola e Relações com a Comunidade

5. Participação na Escola e Relações Com a Comunidade

Neste ponto irei expor a minha participação efetiva enquanto estagiário na ESDMII de Braga. Além de assumir o papel de Professor da turma que ficou à minha responsabilidade, durante o ano letivo 2011/2012, acabei também por adotar uma função importante na execução de outras atividades e interagir ativamente nessas mesmas atividades. Algumas ficaram definidas logo nas primeiras reuniões do NE.

Desta forma, irei a seguir discorrer sobre aquelas que acho terem sido marcantes ao longo do ano letivo.

5.1. Reunião Geral, Reuniões do Grupo de EF, Reuniões de Departamento e do Conselho de turma.

De seguida irei tentar transmitir alguns dos acontecimentos, que de certa forma marcaram a minha caminhada ao longo do meu percurso como PE, mais especificamente as reuniões que participei para além das reuniões do NE.

A primeira e única reunião geral da ESDMII que participei, decorreu no dia 9 de setembro, tendo sido esta a primeira reunião que tive oportunidade de participar como PE.

Foi algo apreensivo e com um certo nervosismo que a encarei, visto ser a minha estreia nestas jornadas e não saber bem com o que me iria deparar e como deveria atuar nesta primeira experiência.

A reunião acabou por correr bem, tive a oportunidade de rever muitos dos meus antigos Professores, onde pude constatar que grande parte ainda faz parte do corpo docente. Não sabia bem como reagir perante esta situação, pois não consegui deixar de achar estranho, o facto de estar ao lado deles não como aluno mas sim como colega, embora sendo estagiário, não deixo de ser mais um colega, no entanto continuei a vê-los como meus antigos Professores e não como colegas de trabalho.

Nesta primeira e única reunião geral que tive oportunidade de participar, não pude deixar de reparar que alguns dos outros membros do corpo docente da ESDMII olhavam para nós como corpos “estranhos” no seu seio, mas outros

foram muito acolhedores e quando falamos com eles mostraram - se disponíveis para nos ajudar no que precisássemos.

A reunião decorreu no auditório da escola, onde o Professor Vasco Grilo, Diretor da Escola, deu as boas vindas a todos os Professores e falou um pouco sobre as expectativas para o novo ano letivo.

Após o discurso do diretor, a Professora Fátima Pereira, Presidente do Conselho Geral, falou sobre a constituição das turmas, sobre os cursos que a escola disponibiliza e os problemas que estes dão para a gestão e organização da escola e sobre o número de alunos e de Professores que constituem os quadros da escola.

Em suma quer o Diretor quer a Presidente do Conselho Geral falaram de algumas novidades existentes na escola e da nova organização e gestão que surge este ano, como por exemplo o novo livro de ponto eletrónico que iria substituir o “velhinho” livro de ponto.

Assim sendo esta primeira reunião teve como principal objetivo a definição de alguns parâmetros importantes para a organização e gestão escolar e também como apresentação da escola aos novos membros do corpo docente, quer aos novos Professores contratados quer aos Professores estagiários.

Em suma este primeiro contacto com a comunidade docente da escola foi importante para a nossa (Professores estagiários) integração inicial.

Relativamente às reuniões de Departamento, tive a oportunidade de participar em algumas ao longo do ano, pois nem todas decorreram num horário que me possibilitava estar presente e que por motivos de trabalho extra estágio não pude comparecer. Estas eram orientadas pela Professora Maria João Lobo, coordenadora do departamento e do grupo de EF.

Essencialmente nestes acontecimentos eram debatidos alguns assuntos a desenvolver ao longo do ano, datas das próximas reuniões, calendário escolar e as atividades a serem desenvolvidas no plano anual de atividade.

Num competo geral estas reuniões foram importantes para que assim compreendesse melhor o funcionamento da escola. Um dos aspetos que me

marcara, foi o facto de ter percebido, que a planificação e execução do planeamento letivo na escola acarretam imenso trabalho.

No que diz respeito às reuniões do grupo de EF, decorriam no gabinete de EF. Nestas eram abordados alguns temas importantes para o bom funcionamento das atividades ligadas ao grupo, nomeadamente das aulas e dos espaços destinados à realização das mesmas quer das atividades extra-curriculares a serem realizadas pelo grupo e do Desporto Escolar.

A par das restantes mencionadas anteriormente, estas eram as que “nós”, membros constituintes do núcleo de estágio podemos “participar” ou seja, davam-nos a liberdade de estar presentes, no entanto, a nossa opinião nem sempre ou nunca era exprimida. No fundo, o sentimento que tenho depois de ter participado neste eventos como PE, é que nós não passamos de meros PE onde os nossos pensamentos e ideias não são levadas em conta, onde nem sequer chegam a ser exprimidos por nós.

Após ter participado em diversas reuniões deste tipo, o facto de não termos sequer a oportunidade de expressão (de por vezes intervir), acaba por me fazer um certo tumulto. Não é que me incomode, pois na realidade penso que nós não temos que opinar sobre o que se fala, até porque nós só seremos Professores na Escola durante este ano letivo, no entanto gostaria de referir que, na minha opinião, a nossa colaboração neste tipo de iniciativas do grupo, poderia ser importante, quer para o grupo, quer para nós.

No mínimo penso que seria relevante, pois considero que as nossas ideias, poderiam ser extremamente úteis às atividades realizadas pelo grupo. Penso que a nossa juventude e talvez a nossa melhor compreensão da faixa etária predominante na escola (alunos) poderia ajudar em muito na realização dessas atividades e na organização/gestão das mesmas. A nossa juventude, energia e vivacidade talvez fossem pergaminhos importantes para um funcionamento mais atualizado e sintonizado com aquilo que talvez os alunos desejem, quer para as aulas quer para as atividades a serem realizadas.

A par do que mencionei anteriormente penso que se a nossa colaboração fosse mais ativa neste tipo de reuniões, poderia ter sido mais influente e útil para a nossa formação profissional como Professores. Na

realidade nós éramos convocados para estas atividades, no entanto acabávamos por não ter uma participação ativa.

Apesar de não termos colaborado como pretendia, penso que a nossa presença já nos proporcionou um leque mais extenso de conhecimentos e experiências práticas nas atividades ligadas à Educação Física. Proporcionando-nos assim uma melhor formação, isto porque, como futuros Professores teremos que participar neste tipo de iniciativas.

Num competo geral as reuniões do grupo de EF foram muito interessantes, considerando que os temas debatidos foram importantíssimos para a promoção de um melhor funcionamento do mesmo.

Relativamente às reuniões do Conselho de Turma apenas tive a oportunidade de participar em três (uma no início do ano e as restantes no fim do 1º e 3º períodos), visto que, uma delas se realizou no dia de um teste de tópicos na faculdade.

No geral o que posso referir de mais importante destas reuniões do conselho de turma do 10ºA, é que os Professores das restantes disciplinas, também partilhavam da opinião de que esta era bastante acessível. Onde os alunos apresentavam comportamentos muito bons em todas as aulas, sendo que, esta prestação permitia que as aulas decorressem dentro da normalidade, não existindo assim qualquer tipo de perturbação ao bom desenrolar das mesmas.

Após a reunião no fim do 1º período, foi evidente que quase todos os Professores, salientaram que apesar de a turma demonstrar um comportamento exemplar, precisava de melhorar os seus índices de trabalho, ou seja, precisavam de estudar mais para poder alcançar melhores resultados, pois, as notas não tinham sido as melhores. Era necessário fazer ver à turma, que necessitaria de dedicar mais tempo ao estudo. Apesar disto, a turma não apresentou assim tão más notas, mas, no entanto, necessitava de se empenhar mais no 2º e 3º períodos do ano letivo, pois se o fizessem os resultados seriam bem melhores do que os que tinham alcançado.

Apesar do que era dito nas reuniões, no fim do ano letivo, os resultados coletivos acabaram por ser muito positivos. A turma passou toda para o 11º

ano. Alguns alunos conseguiram mesmo ter muito boas notas, embora um pequeno número de alunos não o tenha conseguido, acabaram por conseguir passar de ano, com maior ou menor dificuldade.

Após a primeira reunião, no início do 2º período, decidi ter uma conversa com todos os alunos, com o sentido de os alertar para o facto de ser importante e necessário que dedicassem maior empenho e dedicação ao estudo. Como Professor estagiário e sendo eu mais novo de todos os professores da turma, pensei eu que talvez a minha palavra fosse importante para eles, talvez me ouvissem e prestassem mais atenção do que os restantes Professores. Tentei chamá-los à razão tentando que o meu discurso os fizesse refletir um pouco mais sobre aquilo que é verdadeiramente importante para o futuro deles.

Quanto às reuniões em si, a minha colaboração não foi assim tanta, prestei mais atenção ao que se passou do que propriamente interagi na mesma.

Embora os momentos de intervenção da minha parte tenham sido poucos, percebo perfeitamente que estes fossem reduzidos pela minha inexperiência. Mas também partilho da opinião, que a minha participação neste tipo de eventos me proporcionaram bons momentos de aprendizagem com os restantes Professores, visto a experiência destes ser vastíssima. Percebendo assim de que forma funcionam estas reuniões, e os assuntos que são debatidos.

Não posso deixar de fazer referência ao facto de que na primeira parte das reuniões, os delegados de turma e o representante dos pais, tenham a possibilidade de participar nas reuniões, tendo mesmo direito a opinar. Acho importante que este tipo de estratégias sejam utilizadas, para que estes possam posteriormente transmitir aos colegas o ponto de situação em que a turma se encontra

5.2. Atividades Realizadas pelo Núcleo de Estágio

5.2.1. Magusto

Outra das atividades que tive oportunidade de participar de uma forma ativa, foi o “Magusto” que se realizou no dia 11 de novembro de 2011, onde nós, PE, tivemos pela primeira vez, a possibilidade de vivenciar uma atividade escolar como Professores/Organizadores.

Embora pessoalmente tenha sido um dia difícil, por motivos pessoais alheios ao evento, ocorrência essa que não me permitiu participar integralmente na organização do Magusto, tive ainda assim a oportunidade de, na parte da tarde, durante a realização do evento, de estar presente, colaborando nas tarefas necessárias para o momento.

O que posso aferir deste acontecimento é que embora tenha dado algum trabalho, deixou-me a mim, e penso que aos meus colegas de estágio, incluindo a Professora Cooperante (que em parte foi a principal responsável pela organização e grande dinamizadora da atividade), bastante satisfeitos pela adesão satisfatória dos alunos.

Dentro daquilo que tive oportunidade de observar pareceu-me que os alunos que compareceram mostraram estar muito satisfeitos com as atividades propostas. Todas me pareceram ser muito atrativas, até pelo facto de termos algumas às quais os adolescentes da nossa sociedade cada vez mais aderem em massa. Caso do skate e do break dance, que me pareceram ser as modalidades mais procuradas pelos alunos. Embora a Zarabatana (estação onde me encontrava) tenha tido uma adesão razoável dos alunos, pareceu-me que esta tenha sido mais vezes frequentada pela faixa etária mais nova da escola (alunos do 7º, 8º e 9º ano).

Num competo geral penso que a atividade foi um sucesso e que o tempo dedicado, não foi em vão. Relativamente aos meus sentimentos perante este evento, ao qual tive pela primeira vez a oportunidade de participar enquanto Professor/Organizador, foram um pouco contraditórias. Um misto de alegria e tristeza, alegria pelo facto de tudo estar a correr como o planeado e tristeza pelo facto de ao nível pessoal ter sofrido uma perda importante ao nível

familiar, acontecimento que não me permitiu viver o evento de uma forma mais entusiasta. Apesar de tudo, a nível pessoal penso que foi uma sensação diferente, tendo sido uma vivência em todos os sentidos muito enriquecedora. O facto de fazer pela primeira vez parte de um evento organizado como Professor permitiu-me ver a dificuldade que estes eventos acarretam e toda a envolvimento que este tipo de atividades implica.

5.2.2. DonaSport

O DonaSport foi uma atividade que se inseriu na semana da escola, juntamente com outras realizadas ao longo da mesma, tais como torneios de diferentes modalidades e uma feira de profissões. O DonaSport foi uma atividade da inteira responsabilidade do núcleo de estágio de EF da ESDMII.

Esta decorre sempre na última semana do 2º período, no entanto a realização e constituição do evento “DonaSport” exige da organização todo um trabalho de bastidores muito grande, sendo talvez o evento que mais trabalho, empenho, dedicação e responsabilidade exigiu do núcleo de estágio. A organização desta atividade exigiu muito trabalho da nossa parte ao longo de vários meses, para que tudo ficasse devidamente planeado e preparado.

Sendo esta uma atividade organizada e realizada ao longo dos últimos anos pelo núcleo de estágio, coube-nos a nós a árdua tarefa de conceber todo o evento.

O DonaSport é conhecido por toda a comunidade escolar, onde ao longo dos últimos anos tem tido uma afluência muito positiva da comunidade escolar. No entanto, este ano, o número de inscrições bateu recordes, atingindo as 70 equipas. O entusiasmo demonstrado por quase toda a comunidade de alunos pertencentes à ESDMII, para a participação no evento, foi sensacional e muito gratificante para nós, membros do núcleo organizador.

Esta é uma atividade dividida em duas partes, sendo uma parte cumprida na parte da manhã e outra na parte da tarde. A parte da manhã é composta por uma prova de peddy paper realizada pelo centro da cidade de Braga (com partida da ESDMII e regresso à mesma) e cinco provas na parte da

tarde realizadas na escola, nas instalações desportivas (pista de obstáculos, gladiadores, almofadas, skis e bicicletas).

Antes da realização e execução do “DonaSport”, este exigiu um trabalho pré atividade muito exigente por parte do núcleo de estágio. Toda atividade foi pensada e planeada até ao mais ínfimo pormenor, para que tudo decorresse da melhor maneira, para que não surgissem contratempos de última hora. Desde a elaboração de todo o material necessário para as provas, patrocínios, prémios, etc, tudo isso foi feito pelo núcleo o que exigiu muito tempo dedicado antes do dia D.

Relativamente ao dia, este decorreu dentro do planeado, de manhã o peddy paper iniciou um pouco mais tarde, mas decorreu dentro do tempo previsto, sendo o feedback dos alunos participantes muito positivo relativamente à prova. Penso que o facto de também estar um dia muito bonito, ajudou a que esta prova se tornasse mais atrativa.

As multiprovas também decorreram dentro do que tínhamos pensado, no entanto é a parte que talvez mais exigiu de todos nós, pois foi preciso muito empenho e dedicação de todos os membros organizadores para que tudo decorresse na perfeição, e neste aspeto, penso que tudo decorreu da melhor forma, enaltecendo neste capítulo a ajuda excecional dos 25 alunos que voluntariamente nos ajudaram. Foram extraordinários.

Apesar de ser um dia cansativo, é gratificante ver reconhecido naquelas horas do dia todo o trabalho realizado anteriormente. Os alunos que participam nas provas não têm noção dos afazeres que todo o evento exigiu de todos nós, principalmente dos membros que constituem o núcleo de estágio.

Alegria vivida ao longo do dia, quer dos alunos quer da nossa parte (falo por mim, mas acredito que quer os meus colegas quer a Professora Luísa tenham sentido o mesmo) é a melhor retribuição que poderíamos ter. Penso que o evento foi um verdadeiro sucesso.

De todos os eventos que participei em colaboração com os restantes colegas no núcleo de estágio, este foi o que mais exigiu de mim e de todos os meus colegas, no entanto o sucesso do mesmo é a melhor sensação que poderíamos ter depois de este ter terminado.

5.2.3. Visita de Estudo ao Autocarro Bar

No dia 18 de maio de 2012 o núcleo de estágio realizou a última atividade extra curricular do ano letivo, sendo esta, a par do DonaSport, mais uma atividade da inteira responsabilidade do núcleo. Esta consistiu numa “visita de estudo” ao autocarro bar em Amares, com o intuito de promover atividades desportivas “diferentes” aos alunos das 4 turmas dos PE. Atividades essas que consistiram na realização de arvorismo, kayake, orientação e voleibol de praia.

Este foi um evento que à semelhança dos outros exigiu de nós algum trabalho pré concretização. Desde à planificação do dia, à procura de transporte para os alunos e à organização das atividades a serem desenvolvidas ao longo do dia, foi trabalhoso, mas que em nada se pode comparar com o trabalho exigido pelo DonaSport. O facto, é que talvez a experiência adquirida na organização/realização das anteriores, tenha facilitado a constituição desta.

No que diz respeito ao dia em si, este contou com as atividades que já mencionei anteriormente, sendo que na minha perspetiva e pelo feedback dos alunos foi muito bem conseguido. Parece-me que os alunos de todas as turmas gostaram bastante do dia que passaram connosco.

A convivência entre as turmas pareceu-me ser bastante saudável e facto de poderem interagir entre elas tornou o dia muito animado. Embora o tempo não tenha sido o melhor, não me parece que esta tenha prejudicado em nada, até porque os alunos demonstraram-se muito animados para as atividades mesmo estando a chover.

Na minha ótica, parece-me que tudo correu lindamente, até porque sem dúvida, este talvez tenha sido o melhor dia do ano letivo. Pelo menos foi com esta ideia que fiquei, pois o facto poder ter convivido com a minha turma (e não só) noutra ambiente, ou seja, o não escolar, foi diferente daquele a que estou habituado.

Nesta visita tive oportunidade de estar com os meus alunos de outra forma, conviver com eles como Professor e alunos mas de uma forma mais “relaxada”. A forma como nos relacionamos chegou a ser mais de amizade, no

entanto mantendo sempre o respeito minimamente exigido. Tive ainda a oportunidade de interagir com eles nas atividades e entrar de certa forma na brincadeira com eles.

Além de ter interagido com os meus alunos tive ainda a oportunidade de me relacionar com os alunos das turmas dos meus colegas estagiários.

Relativamente ao convívio entre alunos, este pareceu-me ser positivo, embora não tenha sido tão intenso como o esperado, denotou-se que os alunos conviveram entre si, socializando um pouco entre as diferentes turmas.

Num competo geral parece-me que atividade decorreu dentro do previsto elevando até as expectativas em relação ao entusiasmo ao espírito vivido entre alunos e Professores durante todo o dia.

De todas as atividades realizadas pelo núcleo, esta foi sem dúvida aquela que mais gosto me deu realizar e participar, talvez como disse anteriormente, por ser diferente de todas aquelas a que tive oportunidade de experimentar.

5.2.4. Desporto Escolar

Ao longo do ano letivo 2011/2012 o núcleo de estágio juntamente com a PC, ficou com a responsabilidade de orientar o desporto escolar de natação da ESDMII. Ao longo do ano, além de dedicarmos duas horas semanais para o ensino/treino da modalidade também tivemos que organizar algumas atividades, que se tornaram importantes e significativas para mim. Durante o ano cada um dos PE teve a oportunidade de trabalhar com diferentes níveis de ensino-aprendizagem, no entanto após as primeiras aulas ficou definido que cada Professor ficaria com um determinado nível de ensino, tendo eu ficado com o nível mais elementar. Este nível era constituído por alunos (as) de adaptação ao meio aquático. A experiência de lecionar natação tornou-se importante para o adquirir de conhecimentos mais aprofundados sobre a disciplina. Ao longo do ano passaram por mim muitos alunos, que foram evoluindo e conseguindo avançar para níveis de aprendizagem superiores. A

par das aulas, e como mencionei anteriormente também organizamos atividades ligadas á modalidade, atividades que irei discorrer de seguida.

5.2.4.1. Curso de Árbitros

Foi no dia 7 e dia 9 de dezembro de 2011 que o núcleo de estágio realizou o Curso de Árbitros para os alunos do desporto escolar da ESDMII, tendo os alunos da Escola Secundária Sá de Miranda sido convidados a participar nesta atividade. Isto porque ao longo do ano, os alunos do Sá de Miranda partilhavam a piscina da rodovia connosco.

O curso foi dividido em dois dias, onde no primeiro dia (dia7) decorreu no auditório da ESDMII. Este primeiro dia foi dedicado à parte teórica do curso, sendo o 2º dia (dia 9) realizada a parte prática, esta já na piscina da rodovia.

Como membro do núcleo, no dia 7 não tive a oportunidade de participar a 100% na parte teórica do curso por motivos profissionais. No entanto o feedback dos meus colegas, relativo ao curso foi muito positivo.

Na sua essência a parte prática, tinha como objetivo a realização de uma “prova”, uma espécie de competição entre os alunos das duas escolas, onde os alunos que tinham participado no primeiro dia, iriam aplicar os conhecimentos adquiridos na teoria.

No que diz respeito à parte prática do curso, penso que esta correu bem. A adesão dos alunos foi muito positiva, no entanto penso que o tempo disponível para a execução das provas definidas foi escasso. A nível da organização penso que esta foi bem conseguida, os alunos gostaram e o facto de proporcionar um pouco de competição entre eles proporcionou um maior entusiasmo e motivação.

É de referir ainda que esta parte prática foi fundamental para a cimentação dos conhecimentos teóricos adquiridos pelos alunos no dia 7, assim os alunos puderam por em prática o que aprenderam, tendo uma experiência “semelhante” aquela que é vivida nas provas oficiais.

Não sendo uma prova oficial possibilitou aos alunos desempenhar diferentes papéis na competição organizada pelo núcleo, quer a competir, quer ajuizar.

Relativamente à minha colaboração nesta atividade, tentei ajudar e colaborar na organização, participando da melhor maneira possível no evento e tentado retirar o máximo proveito dos conhecimentos que poderia extrair da atividade, visto não ser uma área da qual tinha um conhecimento aprofundado.

5.2.4.2. 1º Encontro de Natação

No dia 26 de janeiro realizou-se o 1º encontro de natação interescolas de desporto escolar, onde a nossa escola participou.

Este foi o 1º encontro do ano, onde a organização ficou à responsabilidade da Escola Secundária de Maximinos. Esta experiência foi importante para percebermos melhor, como funcionam estes eventos, sendo que se torna mais marcante, pois o próximo seria organizado por nós.

Sendo esta a primeira vez que vivenciei este tipo de evento, pareceu-me primeiramente ser de extrema utilidade ter toda a atividade devidamente organizada.

Relativamente à organização deste encontro, pareceu-me que a escola Sec. de Maximinos se tenha desleixado em muito neste capítulo. Este 1º encontro, contou apenas com a presença de 4 escolas, o que num encontro com a presença de mais escolas se poderia ter tornado numa desgraça ao nível organizacional. Uma prova que contou apenas com a presença de 4 escolas, tornou-se demasiado demorada e até desorganizada por se notar claramente a falta de estruturação prévia que os organizadores do evento apresentaram.

Visto nós sermos a próxima escola a planear/organizar e realizar o 2º encontro, o exemplo do 1º encontro serviu em muito para nos precavermos e organizarmos tudo, o mais previamente possível, para que não surgissem os problemas e erros que a Escola Secundária de Maximinos cometeu.

A nossa presença neste encontro tinha como finalidade acompanhar e orientar os alunos da nossa escola. Nunca tinha estado num encontro de natação do desporto escolar e admito que fiquei surpreendido. Jamais imaginei

que tivesse tanta afluência de alunos (e pais dos mesmos) e fosse tão competitivo.

É de louvar o empenho e atitude que grande parte dos alunos impõe nas provas, fazendo de tudo para representar da melhor forma a escola que frequentam, elevando assim o nome desta no desporto escolar regional. O espírito demonstrado, torna-se de certa forma contagiante, deparando-me eu em certas situações como um verdadeiro adepto da escola ESDMII.

De uma forma geral este primeiro encontro demonstrou ser muito produtivo, numa primeira perspetiva para perceber melhor o funcionamento deste tipo de provas, em segundo por ter percebido em mim o tal sentimento de pertença à escola e em terceiro, o facto de os nossos alunos terem apresentado um desempenho extraordinário.

Os alunos que pertencem ao desporto escolar conseguiram arrecadar um número bastante razoável de vitórias neste encontro, o que também foi motivo de orgulho para nós (PE), pois estes resultados são prova do bom trabalho que se desenvolveu durante as duas horas semanais em que os alunos trabalhavam connosco. Alguns alunos apresentaram uma evolução notável desde o início, que lhes permitiu vencer algumas provas. No entanto, o mais importante é que os alunos tenham competido e vivido ao máximo esta experiência desportiva.

5.2.4.3. 2º Encontro de Natação

Foi no dia 17 de fevereiro que se realizou o 2º encontro de natação interescolar de natação, este totalmente organizado pelo núcleo de estágio da ESDMII juntamente com a colaboração da Escola Secundária Sá de Miranda, onde os alunos da nossa escola também participaram e colaboraram na organização.

Este foi o 2º encontro do ano, onde a organização ficou à nossa responsabilidade. Neste encontro contamos com a colaboração de bastantes escolas o que nos obrigou a uma organização pré-prova muito trabalhosa.

A organização deste evento demonstrou ser muito importante para mim, e penso que para os meus colegas também, desta forma conseguirmos perceber melhor todo o trabalho que envolve este tipo de acontecimentos ligados ao desporto escolar.

Todo o evento tem de ser minuciosamente programado para que ao longo das provas tudo decorra da melhor maneira, sendo que, neste contexto ajuda da PC tenha sido fundamental, na orientação de tudo o que teria de ser feito. A sua experiência foi assim indispensável.

No que diz respeito à organização, penso que esta correu bem. Na minha opinião o grupo em si trabalhou bem em conjunto, colaborando todos os membros em prol do mesmo objetivo, o sucesso do encontro. Daí achar que a organização, no geral, tenha decorrido muito bem.

Considero que a minha participação/colaboração tenha sido boa, penso que cumpri com o que me era pedido e exigido. A minha tarefa pré-evento era colaborar na planificação/organização, cumprindo com o desejado pelo grupo e trabalhando em prol do sucesso deste e daqueles que mais iriam usufruir da atividade, as escolas convidadas e mais propriamente os alunos. No dia do evento ajudei na organização prévia das provas e como tinha sido estabelecido anteriormente, teria que acompanhar os alunos da nossa escola, ou seja, encaminhá-los ao longo da competição.

Neste capítulo e visto terem ocorrido algumas alterações (por falta de alguns alunos), após a reunião técnica entre as escolas, organizei as fichas de provas, colocando-as novamente pela ordem então estabelecida na reunião.

Após a realização das alterações necessárias, distribuí desde logo as primeiras provas por todos os alunos, para que assim tivéssemos atentos à chamada das provas por séries. Desta forma, a possibilidade de ocorrerem atrasos de última hora eram desnecessários, decorrendo assim as provas de uma forma mais fluida.

No que diz respeito ao plano desportivo, este 2º encontro não correu tão bem como o 1º. Isto porque a nossa escola não alcançou tantas vitórias como no 1º. Apesar de neste evento não termos contado com todos os alunos, e com aqueles que mais preparados estavam e capacidades tinham.

Embora os nossos alunos não tenham ganho tanto como no 1º, penso que acabou por ser positivo, pois o que importava é que os alunos participassem e usufríssem ao máximo do espírito que se vive nas provas. Concedendo - lhes de certa forma a oportunidade de competirem e poderem ter alguma atividade física e uma experiência verdadeiramente desportiva.

Num competo geral o 2º encontro correu bem, mais uma vez foi um privilégio participar neste tipo de atividades e conviver com os alunos num registo diferente daqueles que são as aulas e diferente do que se vive na escola.

Além disto, penso que estes acontecimentos contribuem em muito para o adquirir de conhecimentos importantes para a nossa completa formação profissional, ou seja, saber organizar este tipo de atividades torna-se importante para estarmos preparados para todas as funções subjacentes do ser professor, que não se cinge apenas ao dar aulas.

Em termos gerais, a participação não se limita às funções de organização das aulas e de tudo o que envolve a turma que fica à nossa responsabilidade, ou seja, enquanto PE pude vivenciar diversos tipos de participação, com funções totalmente diferenciadas, mas que acabam por contribuir para uma formação mais extensa e global, contribuindo de certa forma para o sucesso pessoal, sucesso do grupo (NE) e da escola.

6. Desenvolvimento Profissional

6. Desenvolvimento Profissional

É neste capítulo que incluo a importância do percurso realizado por mim ao longo do Estágio Profissional (EP), assumindo-se como parte fundamental do meu desenvolvimento profissional.

Se hoje me considero melhor professor e melhor pessoa, devo-o ao EP, podendo desde já afirmar que o meu crescimento e desenvolvimento pessoal e profissional se deve a este.

O planeamento e reflexão mostraram ser ferramentas fundamentais na elaboração do EP, conduzindo-me à realização do Projeto de Formação Individual (PFI), do Portefólio, do Estudo e do Relatório de Estágio (RE), assim como à concretização de outras funções. Todos estes documentos assumiram uma importância incomensurável na concretização deste EP, admitindo desde já, que inicialmente não pensava desta forma.

A reflexão acaba por ser a mais importante ferramenta adquirida por mim durante este EP, pois a materialização deste e de todas as ações inerentes à sua concretização, o ato de refletir esteve presente. Assim, posso afirmar que a reflexão é o melhor instrumento que levo para minha futura prática docente, sendo que, a elaboração deste mesmo documento (RE) se deve em muito a esta capacidade que tão importante foi ao longo desta caminhada. Foi através desta que consegui evoluir e crescer, assumindo que hoje sou melhor professor e pessoa que no início. É impossível dissociar a reflexão do ato educativo, sendo essencial e indispensável refletir cuidadosamente na forma de operacionalização do mesmo.

No decorrer deste ano letivo aprendi variadas e distintas coisas, deparando-me com imensas dificuldades. Confrontei-me com diversas perspetivas com as quais não estava familiarizado nem me identificava. Ter realizado este EP, onde nele convivi com um conjunto variado de pessoas, permitiu - me inserir numa comunidade escolar, onde o mais importante foi o adquirir a capacidade de me moldar a todos estes fatores. Aqui devo valorizar o indispensável papel assumido pelo núcleo de estágio (professores estagiários e Professora Cooperante), que me possibilitou ultrapassar todas as dificuldades e barreiras encontradas ao longo desta caminhada. Foi através da

comunicação, da troca de experiências, das “reflexões em conjunto” que surgiam nas “conversas de café e de almoço” que consegui encontrar os instrumentos necessários para me tornar num professor de EF mais competente. Só assim consegui perceber que o ser professor não é uma profissão fácil. Como refere Bento (1987, p. 11), o ato de ensinar é, ao mesmo tempo, das mais nobres e das mais difíceis profissões de qualquer profissional, dado que esta possui como dever o desempenho social de educação da juventude.

Sentindo-me hoje mais capaz para encarar o meu futuro como professor, sei que ainda estou longe da minha completa formatura como docente. Formação que não termina aqui, que deve ser contínua, ausente de descanso e de relaxamento. Irei futuramente cometer muitos erros, e corrigi-los é o meu dever. Refletir neles e encontrar soluções de forma a garantir um ensino melhor é a minha obrigação.

6.1. Estudo Investigação Ação

Percepção dos alunos sobre o Modelo de Instrução Direta (MID) vs o Modelo de Educação Desportiva (MED) no ensino do Voleibol nas aulas de Educação Física

6.1.1. Resumo

Este documento, denominado estudo de investigação-ação, surge como tarefa complementar do relatório de estágio, inserindo-se no capítulo do Desenvolvimento Profissional. A decisão pela realização deste estudo surge da necessidade de aprofundar o meu conhecimento sobre o MED e de perceber até que ponto a sua utilização em contexto escolar, constituiria uma experiência de sucesso para os alunos, apurando até que ponto este influenciaria os comportamentos e atitudes da turma, tendo como principal objetivo verificar a percepção dos alunos relativamente à utilização do MID e do MED, no ensino de voleibol. O estudo foi elaborado no 10ºA da ESDMII, após serem aplicados o MID e o MED no 1º e 2º período do ano letivo 2011/2012. A análise quantitativa foi a utilizada na elaboração do estudo e o tipo de tratamento de dados usado foi o descritivo-correlacional. A recolha de dados usada para a elaboração do estudo foi a entrevista. Da realização deste estudo concluiu-se que os alunos preferem as aulas ministradas com o MED, considerando que a falta de fair-play e o excesso de competitividade acabavam por influenciar o comportamento destes.

6.1.2. Abstract

This document, denominated as research study - action, emerges as a complementary task of the internship report, inserting itself on the chapter of Professional Development. The decision to conduct this study arises from the need to deepen my knowledge of the MED and realize to what extent their use in schools would be a successful experience for students, investigating to what extent this would influence the behaviors and attitudes of class, with the primary objective to verify the students perception regarding the use of MID and MED, in the teach of volleyball. The study was made on the 10ºA of the ESDMII after being applied the MID and the MED on the 1st and 2nd period of the school year 2011/2012. The quantitative analysis was used in the preparation of the study and the type of data treatment used was descriptive - correlational. The collection of data used for the preparation of the study was the interview. From this study concluded - that students prefer classes taught with the MED, whereas the lack of fair play and excessive competitiveness ended up influencing their behavior.

6.1.3. Introdução

Após ter vivenciado positivamente a implementação do MED nas aulas do 1º ano do 2º ciclo de Ensino de Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário na FADEUP, onde tive oportunidade de experimentar e sentir algumas das suas virtudes e dificuldades, decidi aprofundar o meu conhecimento sobre o MED e, se possível, perceber até que ponto a sua implementação em contexto real (na escola), constituiria uma experiência de sucesso para os alunos, aquilatando sobre o impacto nas suas atitudes e comportamentos nas aulas.

Da realização desta investigação, surge a necessidade de realizar um enquadramento teórico sobre os modelos de ensino, nomeadamente sobre o MID e o MED, modelos utilizados no ensino do voleibol no EP, assim como, perceber em que sentido a investigação assume um importante cargo no desenvolvimento profissional e formação do professor.

Segundo Alarcão (2001) a noção de professor - investigador associa-se a Stenhouse (génese do conceito de professor – investigador) e a sua origem situa-se nos anos 60. Desde os anos 30 que vêm surgindo vozes na defesa dos professores como investigadores da sua ação, como inovadores, como autodirigidos, como observadores participantes, considerando os professores como estudantes do ensino. Este conceito tem hoje plena atualidade, particularmente no nosso país, onde o conceito de currículo e de gestão curricular reclamam que o professor seja não um mero executor de currículos pré - definidos, mas sim alguém que toma decisões, que gere uma situação real, sendo um intérprete crítico de orientações globais. Hoje exige-se ao professor que seja este a instituir o currículo, vivificando-o e co construindo-o com os seus colegas e os seus alunos, tendo sempre em conta os princípios e objetivos nacionais e transnacionais. Esta posição requer dos professores um espírito de pesquisa próprio de quem sabe e quer investigar e contribuir para o conhecimento sobre a educação. Mas, ao mesmo tempo esta atitude e atividade de pesquisa contribui para o desenvolvimento profissional dos professores.

Stenhouse (1975), defende assim um profissionalismo dos professores baseado na investigação sobre o seu ensino, defendendo a ideia de ciência educativa, onde cada sala de aula é um laboratório sendo cada professor um membro da comunidade educativa.

Torna-se então fundamental que a investigação esteja presente na formação de professores, pois no seu dia a dia o professor tem cada vez mais necessidade de investigar, só assim poderá crescer e desenvolver as suas competências profissionais.

A opção por realizar este estudo de investigação – ação, surgiu da reflexão com a Professora Cooperante sobre os diferentes comportamentos e atitudes da turma perante a implementação do MED. Daí ter surgido a necessidade de entender a perceção dos alunos relativamente ao modelo, comprovando de certa forma aquilo que eu e a PC vínhamos a constatar nas aulas de voleibol onde o MED estava a ser aplicado.

O presente estudo de investigação – ação, foi elaborado na ESDMII, na turma A do 10º ano de escolaridade, durante o ano letivo 2011/2012, após aplicação do MID no 1º período e do MED no 2º período. A tomada de decisão pela realização desta investigação surgiu no decorrer da implementação do MED no 2º período, tendo sido efetuado após a implementação deste.

Para a concretização deste estudo de investigação – ação, foi utilizada uma metodologia de cariz quantitativa, sendo que o tipo de estudo utilizado para o tratamento de dados foi do tipo descritivo – correlacional.

De acordo com os objetivos do estudo, o instrumento de recolha de dados utilizado foi a entrevista a um número reduzido de alunos, mais especificamente, aos treinadores/capitães de cada equipa.

A produção deste estudo de investigação – ação teve como objetivo verificar a perceção dos alunos do 10ºA da ESDMII, relativamente à utilização do MID e do MED no ensino de voleibol, avaliando como isso influenciou as aulas de EF.

6.1.4. Objetivos da Investigação

Para a seleção dos objetivos desta investigação importa referir a importância da investigação, para as disciplinas e profissões, assim, “a investigação consiste em alargar o campo dos conhecimentos na disciplina a que diz respeito e a facilitar o desenvolvimento (...) é um meio de demonstrar o campo de ação e de conhecimento de uma profissão” (Fortin, 1996 p. 18).

6.1.4.1. Objetivo geral

“Verificar a perceção dos alunos da turma A do 10º ano de escolaridade da ESDMII, relativamente à utilização do MID e do MED, na modalidade de voleibol.”

6.1.4.2. Objetivos específicos

- ✚ Verificar em qual dos modelos de ensino, os alunos consideraram que a turma obteve maiores índices de competitividade; empenho; entusiasmo; criatividade; afiliação; fair – play; autonomia; melhores classificações e maiores/melhores conhecimentos durante as aulas;
- ✚ Verificar em qual dos modelos de ensino, os alunos consideraram que a turma apresentou melhores índices de comportamento;
- ✚ Verificar os principais motivos que influenciaram o comportamento;
- ✚ Verificar qual a preferência dos alunos da turma A do 10ºano de escolaridade, relativamente à utilização dos dois modelos de ensino.

6.1.5. Revisão da Literatura

Para a execução de um processo de investigação, torna-se fundamental realizar um enquadramento teórico, onde se apresenta um conjunto de conceitos e as relações estabelecidas entre estes.

Surge então a necessidade de compreender a noção de modelo/método de ensino. Desta forma, realizarei uma breve incursão sobre os modelos de

ensino, salientando aqueles que mais foram utilizados no ensino de voleibol enquanto professor estagiário. No fundo estes são os principais impulsionadores da concretização deste estudo de investigação – ação. Estes foram aplicados em momentos diferentes, com o intuito de perceber qual a perceção dos alunos relativamente à sua utilização.

Os programas de ensino do desporto promovidos nas escolas, encontram a sua autenticidade, o seu cargo social específico e a sua identidade própria no modo como acolhem e proporcionam aqueles benefícios aos segmentos da sociedade por si visados, sendo que a qualidade dos programas assenta na relevância do seu conteúdo formativo. Calcula-se então que a qualidade dos programas de ensino do desporto responde pela quantidade e qualidade da aprendizagem que neles ocorre. (Rosado & Mesquita, 2009)

Os enunciados fundamentais sobre eficiência de ensino podem e devem ser interpretados no quadro de modelos de instrução que forneçam uma estrutura global e coerente para o ensino e treino do desporto, clarificando os objetivos de aprendizagem em torno de grandes propósitos, que perspetivem a natureza das tarefas de aprendizagem, os papéis dos professores e alunos, os recursos didáticos necessários, o envolvimento social e as formas de organização da aula a implementar, avaliando o programa de instrução e os seus efeitos. (Metzler, 2000).

Nenhum modelo/método de ensino mostrou ainda ser irredutivelmente o melhor no ensino, portanto, como refere Rink (2001) a natureza dos conteúdos de ensino, as necessidades e motivações dos alunos bem como as características dos ambientes de prática, ditam a aplicação de determinado modelo de ensino. A este respeito Metzler (2000) reitera que a comparação abusiva de métodos, estilos e estratégias de ensino durante largos anos levou a generalizações abusivas, descontextualizando procedimentos de ensino e conferindo, concomitantemente, um carácter reducionista, generalista e abstracto ao processo instrucional.

Rosado & Mesquita (2009), sugerem que não existe nenhum modelo que seja apropriado a todos os envolvimento de aprendizagem. Isto é, a

eficácia de ensino não deriva da utilização de um determinado modelo, mas sim, dos modelos que apresentem uma estrutura coerente e global para o processo de ensino – aprendizagem. Entre os diversos modelos de instrução existentes, surgem aqueles que são mais centrados na direção do professor e os que concedem mais espaço à descoberta e à iniciativa dos alunos. No entanto, há que descobrir aquele que proporcione um justo equilíbrio entre as necessidades. Rink (2001 cit. in Rosado & Mesquita, 2009 p.45) destaca que “não há nenhum modelo que seja adequado a todos os envolvimento de aprendizagem”.

Os modelos aplicados na UT de voleibol, foram o MID e o MED, que em tudo se diferenciam um do outro.

O MID é um modelo de ensino que durante muitos anos prevaleceu no ensino da EF. “O Modelo de Instrução Direta (MID) constitui um modelo que se impõe pela sua operância em contextos do ensino da Educação Física e no Treino Desportivo. No MID são privilegiadas estratégias instrucionais de caráter explícito e formal, em que a monitorização e o controlo estreito das atividades dos praticantes é a nota dominante” (Rosado & Mesquita, 2009 p.39). Como referem Rosado & Mesquita (2009), este caracteriza-se pelo facto de as tomadas de todas as decisões do processo de ensino – aprendizagem, se centrarem no professor. Neste modelo, este coordena todo o controlo administrativo, determinando explicitamente as regras e as rotinas de gestão e ação dos alunos, de forma a obter o máximo de eficácia nas atividades desenvolvidas por estes. Segundo Rosenshine (1983 cit. in Rosado & Mesquita 2009, p. 48) “na aplicação do MID, os professores executam um conjunto de decisões didáticas das quais se destacam: estruturação meticulosa e pormenorizada das situações de aprendizagem; progressão das situações de ensino em pequenos passos; indicação do critério de sucesso mínimo a alcançar pelos alunos, o que é colocado no limite mínimo aceitável de 80%, na passagem para um nível mais exigente de prática; instrução de cariz descritivo e prescritivo com explicações detalhadas; prática motora ativa e intensa; avaliação e correção dos estudantes particularmente nas fases iniciais de aprendizagem”.

Estas são as principais características do MID, que foi implementado na turma A do 10º ano de escolaridade da ESDMII, durante o ano letivo 2011/2012, em diversas modalidades. Não quero dizer com isto que o modelo de ensino aplicado por mim, tenha sido cumprido desta forma, nem com todo o rigor, no entanto, serviu de “guião” para o processo de ensino - aprendizagem. Nomeadamente para o ensino da modalidade de voleibol no 1º período. Posteriormente, no 2º período, viria a ser desenvolvido o MED na mesma modalidade.

O Modelo de Educação Desportiva (MED), foi criado por Siedentop (1987, 1994), e é uma alternativa comprovadamente válida às abordagens tradicionais, que aponta à dimensão humana e à socialização desportiva, que enfatiza a divisão de funções de todos os praticantes. Sendo um modelo que se sustenta no Modelo de Aprendizagem Cooperativa, afasta-se evidentemente do MID, privilegiando a adoção de estratégias mais implícitas e menos formais no processo de ensino – aprendizagem, tendo como principais propósitos a inclusão de três eixos fundamentais. O da formação de pessoas desportivamente mais competentes (competência desportiva), cultas (literacia desportiva) e entusiastas (entusiasmo pelo desporto). (Rosado & Mesquita, 2009).

Este tem uma aplicação muito extensa, podendo ser utilizado em todas as modalidades, quer as de carácter individual, quer as coletivas. O facto de este modelo organizar as atividades por equipas, faz com que as diferenças individuais sejam reduzidas, valorizando a participação de todos.

Siedentop (1994), no sentido de garantir a autenticidade das experiências desportivas, integrou seis características: a época desportiva, a filiação, a competição formal, o registo estatístico, a festividade e os eventos culminantes. (Rosado & Mesquita, 2009)

As épocas desportivas (de pelo menos 20 aulas) substituem as unidades temáticas de curta duração, pois a insuficiência temporal destas não permite a consolidação das aprendizagens. Com a implementação deste modelo surge a necessidade de aumentar o tempo de contacto do aluno com o conteúdo de ensino.

A preferência por esta organização didática é suportada no argumento de que, quanto maior for a diversidade de atividades oferecidas, melhor informado estará o aluno, e maior será a possibilidade de ir ao encontro das preferências pessoais de cada um, logo maior será a probabilidade de incluir voluntariamente uma atividade desportiva nos seus hábitos de vida. (Rosado & Mesquita, 2009).

A filiação estimula a integração dos alunos em equipas, desenvolvendo o sentimento de pertença ao grupo.

No MED os alunos assumem uma variedade de papéis. Tais como as de jogadores, árbitros, jornalistas, treinadores, capitães, dirigentes, etc.

Neste, as equipas têm a oportunidade de criar um nome, um símbolo, uma mascote, atribuir uma cor, eleger um capitão e um treinador. Assim, independentemente das capacidades de cada um, todos podem assumir uma função de relevo junto do grupo. Esta é uma das grandes diferenças entre o MED e o MID. Tenta minimizar a exclusão, de forma a equilibrar a oportunidade de todos participarem de uma forma ativa, fomentando assim a cooperação e entreajuda entre todos os intervenientes. Desta forma, é possível afirmar que, estimular o gosto pela prática desportiva é um dos objetivos fulcrais do MED (Rosado & Mesquita, 2009).

Com implementação deste modelo, é aplicado um quadro competitivo formal, executado no início da época desportiva. Este valorizará a competição entre equipas, onde todos os exercícios são registados e pontuados.

O fair – play está presente em toda a época, sendo premiado a nível individual e coletivo.

O evento culminante surge no fim da época desportiva, no qual são atribuídos prémios. No entanto, o principal propósito deste é o de proporcionar um clima de grande festividade entre os participantes.

Foi no 1º ano do 2º ciclo do Mestrado em Ensino de Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário, que tive a oportunidade de conhecer e viver este último modelo, através da sua aplicação nas aulas de didática de atletismo do professor Ramiro Rolim. Após esta experimentação, de que gostei, decidi aplicá-lo num contexto real, a escola, para, ao implementá-lo, procurar

entender qual a percepção dos alunos relativamente à sua utilização. Que melhor oportunidade que esta para perceber até que ponto este é aplicável, e qual seria a adesão dos alunos.

6.1.5. Metodologia

6.1.5.1. Método de Estudo

Esta investigação pretendeu verificar qual a percepção dos alunos de uma turma, do 10º ano de escolaridade relativamente à aplicação do MID e do MED numa modalidade específica, o voleibol.

Optou-se para a realização desta investigação, por uma metodologia de cariz quantitativa, sendo um estudo descritivo - correlacional. “O método de investigação quantitativo é um processo sistemático de colheita de dados observáveis e quantificáveis. É baseado na observação de factos objetivos, de acontecimentos e de fenómenos que existem independentemente do investigador. Assim, esta abordagem reflete um processo complexo, que conduz a resultados que devem conter o menor enviesamento possível. O investigador adota um processo ordenado, que o leva a percorrer uma série de etapas, indo da definição do problema à obtenção de resultados. A objetividade, a predição, o controlo e a generalização são características inerentes a esta abordagem” (Fortin, 1996 p.22). “Num estudo descritivo – correlacional, o investigador explora e determina a existência de relações entre variáveis com vista a descrever essas relações”. (Fortin, 1996 p. 174). Desta forma, o estudo descritivo – correlacional consiste em examinar relações entre variáveis.

6.1.5.2. Construção do instrumento de pesquisa

O instrumento de pesquisa utilizado para a realização do estudo, foi elaborado em conjunto com a PC. O instrumento utilizado foi a entrevista, constituída por quatro questões. A definição da entrevista foi realizada em conjunto com a PC, ficando determinado que estas seriam relevantes para a compreensão dos fenómenos observados durante a implementação do MED

(comportamentos e atitudes inadequados) podendo ainda extrair desta a percepção dos alunos relativamente à utilização dos modelos aplicados.

Após a realização do guião da entrevista, esta foi pré – testada em 5 alunos (Treinadores/Capitães) da turma 10ºI do meu colega de estágio Nuno Silva. A opção da entrevista ser pré – testada nesta turma incide sobre o facto de esta também ter tido a oportunidade de vivenciar momentos de aprendizagem nos dois modelos de ensino, nomeadamente na modalidade de voleibol. Assim, como refere Fortin (1996), o pré - teste poderia colocar em destaque os problemas na formulação das questões.

6.1.6. Procedimentos

6.1.6.2. Caraterização da experiência MED e MID

O número de aulas disponibilizadas para a implementação de cada um dos modelos foi distinta. No Modelo de Instrução Direta foram lecionadas 6 aulas de voleibol enquanto no Modelo de Educação Desportiva foram lecionadas 9 aulas.

Os conteúdos ensinados em cada um dos modelos não foi muito distinto, no entanto, no MID foram ensinados o passe, a manchete, o serviço por baixo e as formas de jogo 2x2 e 3x3. No MED continuaram a ser consolidados o passe, a manchete, o serviço por baixo as formas de jogo 2x2 e 3x3 (mais em cooperação dentro de cada equipa) sendo introduzidos o serviço por cima, o remate e a forma de jogo 4x4. Durante as aulas, esta foi a forma de jogo utilizada nas competições que envolviam jogo formal. Ao longo da aula existiam diferentes exercícios onde eram efetuadas competições entre as equipas.

A organização da turma durante a implementação do MID, era mais dependente das decisões e ações do professor, no entanto, os alunos tinham liberdade para criar os grupos de acordo com as afinidades. Visto a turma num competo geral se dar bem não havia grandes problemas na criação de grupos de trabalho. Neste modelo o mais usual era a turma trabalhar em grupos de 2/3 elementos. Toda a aula era dirigida/gerida pelo professor, sendo as transições definidas por este. No MED as equipas foram elaboradas pelo professor

segundo as capacidades/competências de cada um dos alunos. A estratégia utilizada visava a formação de equipas heterogéneas dentro da turma. Só assim a competição poderia ser equilibrada. A turma continha 27 alunos, sendo esta dividida em equipas de 5/6 elementos.

A autonomia da turma durante o MID era reduzida, o professor controlava e geria todas atividades e momentos da aula. Já no MED, cada equipa era responsável pelo seu aquecimento, realizando os exercícios que o Treinador/Capitão definia. Cada equipa tinha um manual de equipa atribuído pelo professor, através deste, tinham acesso a um conjunto de exercícios que poderiam realizar no tempo (parte inicial da aula) que o professor disponibilizava para cada equipa trabalhar em conjunto. A par do manual de equipa, também recebiam um manual de cada aula, para que os momentos de transição fossem breves. Assim todos sabiam o que se iria realizar durante as aulas. O manual de aula era facultado pelo professor na aula anterior.

No MID não haviam funções previamente definidas para os alunos, durante as aulas o professor definia as funções de acordo com as necessidades. Já no MED todos os alunos sabiam as funções que teriam que desempenhar ao longo da aula. À aluna que não realizava aulas práticas (por incapacidade) por se encontrar impossibilitada, foi-lhe atribuído o cargo de fotógrafa/jornalista. A arbitragem/ajuizamento de jogos e das restantes competições eram realizadas por todos os elementos de cada equipa às equipas adversárias. Nas competições realizadas um elemento de cada equipa contabilizava a pontuação de uma das equipas adversárias. O elemento que realizava a contagem das pontuações ficava encarregue de realizar o registo das mesmas no quadro de pontuações afixado na parede. Nos jogos, as arbitragens ficavam ao cargo da equipa que não jogava naquela jornada, sendo os elementos da equipa divididos (o treinador/capitão tomava a decisão) pelos 2 jogos que se realizavam. A equipa de arbitragem ficava encarregue de realizar o registo do resultado no calendário de jogos. Os jogos tinham a duração máxima de 10 minutos, tendo a época desportiva sido constituída por 30 jornadas. A 30ª jornada foi incluída no evento culminante.

Afiliação entre os alunos da turma na utilização do MID foi normal. A turma sempre evidenciou índices elevados de entreajuda no processo de ensino – aprendizagem de qualquer modalidade. No entanto, esta já não foi tão evidente na implementação do MED. A afiliação entre alunos só se verificava entre os elementos de cada equipa, já entre as equipas era quase inexistente.

No que diz respeito ao empenho, criatividade e entusiasmo, estes sem dúvida alguma, foram muito superiores na utilização do MED.

O fair – play entre os alunos/equipas no MED foi muito reduzido, algo que no MID nunca se evidenciou, quer no ensino do voleibol quer nas restantes modalidades. A competição levou a que estes supervalorizassem a vitória.

O método de avaliação utilizado nos dois modelos de ensino foi a observação/classificação, contando aqui com a colaboração da PC.

6.1.6.2. Técnicas e/ou métodos e instrumentos utilizados

De acordo com os objetivos do estudo, o instrumento de recolha de dados usado foi a entrevista.

Segundo Fortin (1996), o conceito de entrevista é que este “é um modo particular de comunicação verbal, que se estabelece entre e os participantes com o objetivo de colher dados relativos às questões de investigação formuladas” (p. 245). Ainda segundo o mesmo autor trata-se “de um processo planificado, de um instrumento de observação que exige dos que a executam uma grande disciplina”. (Fortin, 1996 p.245)

A função desta na execução deste estudo, foi a de servir de principal instrumento de medida da investigação. (Fortin, 1996)

O tipo de entrevista utilizada foi a estruturada, pois é a que requer o máximo de controlo. Assim sendo, foi constituída por três questões fechadas, isto é, questões cujas respostas podem ser determinadas previamente (Fortin, 1996), e por uma questão aberta.

As entrevistas foram realizadas pelo meu colega de estágio Paulo Rodrigues e as respostas registadas manualmente. Esta decorreu durante a semana de 9 a 13 de abril de 2012, no gabinete do grupo de EF da ESDMII. Em cada dia foi entrevistado um aluno (Treinador/Capitão de cada equipa),

sendo o tempo médio de entrevista de 10 minutos. Posteriormente os dados foram informatizados e tratados com o auxílio do programa informático Microsoft Excel 2007. As entrevistas foram realizadas pelo meu colega de estágio e não por mim, para que os alunos não se sentissem condicionados pela presença do professor que lhes deu as aulas, podendo assim responder livremente.

Esta era composta por um número reduzido de questões, com o objetivo das repostas serem diretas. A entrevista era composta pelas seguintes questões:

1ª – Em qual dos métodos de ensino sentiste mais:

- Competitividade;
- Empenho;
- Entusiasmo;
- Criatividade;
- Afiliação (Entreajuda);
- Fair – Play;
- Autonomia;
- Mais/Melhores Conhecimentos;
- Melhores Classificações (Notas);

2ª – Em qual dos métodos, pensas que o comportamento da turma foi melhor?

3ª – No teu ponto de vista, quais foram os motivos que levaram a alterações no comportamento da turma?

4ª – Entre os métodos de ensino no Voleibol utilizados, no 1º período (Instrução Direta) e no 2º período (Modelo de Educação Desportiva), qual o que preferes na aula de Educação Física?

É de salientar que o levantamento e tratamento dos dados, ou seja, a execução das entrevistas, foi feita após a lecionação dos dois modelos de ensino.

6.1.7. Amostra

A amostra era composta por alunos da Escola Secundária 3.º Ciclo D. Maria II, em Braga, que se encontravam a frequentar a turma A, do 10º ano de escolaridade. A turma A era composta por 23 alunos dos quais, 16 pertenciam ao género feminino e 11 ao género masculino. Todos se encontravam matriculados na disciplina de educação física, sendo que alguns se encontravam a realizar melhoria de nota.

As idades eram compreendidas entre os 15 e 16 anos.

6.1.8. Apresentação e análise dos resultados

Analisar os dados de forma quantitativa significa trabalhar todo o material recolhido, após este ter sido registado manualmente na realização da entrevista, de modo a que se obtenham respostas para o problema proposto pela investigação.

Nesta etapa serão apresentados os resultados do estudo realizado e respetiva análise e discussão.

Na 1ª pergunta da entrevista, foi questionado aos alunos em **qual dos modelos de ensino aplicados (MID e MED), estes consideraram que houve maiores/menores índices de:**

- ✚ Competitividade;
- ✚ Empenho;
- ✚ Entusiasmo;
- ✚ Criatividade
- ✚ Afiliação (Entreajuda);
- ✚ Fair – Play;
- ✚ Autonomia;
- ✚ Maiores/Melhores Conhecimentos;

✚ Melhores Classificações;

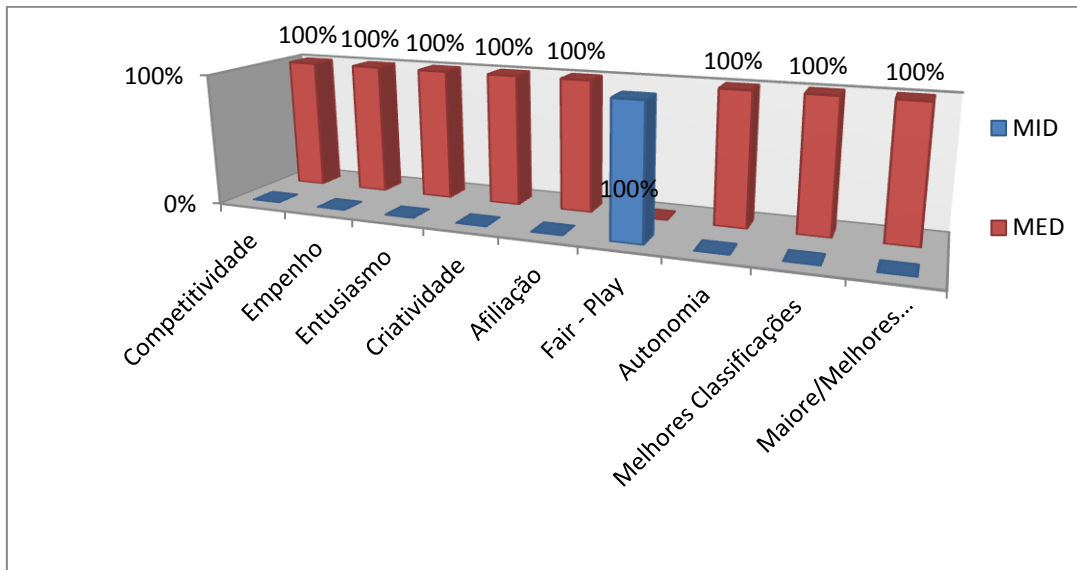


Gráfico 1: Distribuição da amostra segundo o modelo de ensino, no qual, consideram que os índices são maiores/menores.

É possível constatar no gráfico 1, que os alunos entrevistados consideraram que no MED os índices de competitividade, entusiasmo, empenho, criatividade, afiliação, conhecimentos teórico - práticos, classificações (notas) e autonomia foram muito superiores aos do MID. Também é possível verificar que o único índice considerado não superior no MED, foi no fair – play entre alunos/equipas.

Na 2ª pergunta da entrevista, foi questionado aos alunos em **qual dos modelos de ensino, estes achavam que o comportamento tinha sido melhor?**

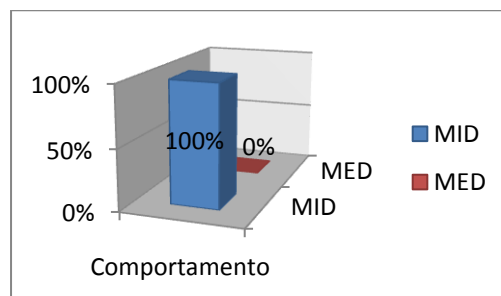


Gráfico 2: Distribuição da amostra segundo o modelo de ensino, no qual, os alunos consideram que a turma apresentou melhores índices de comportamento.

No gráfico 2, é possível visualizar que todos os alunos consideraram que o comportamento geral da turma foi melhor no MID.

Na 3ª pergunta da entrevista, foi questionado aos alunos, **quais os principais motivos apontados por estes, como sendo os causadores de um comportamento menos adequado da turma:**

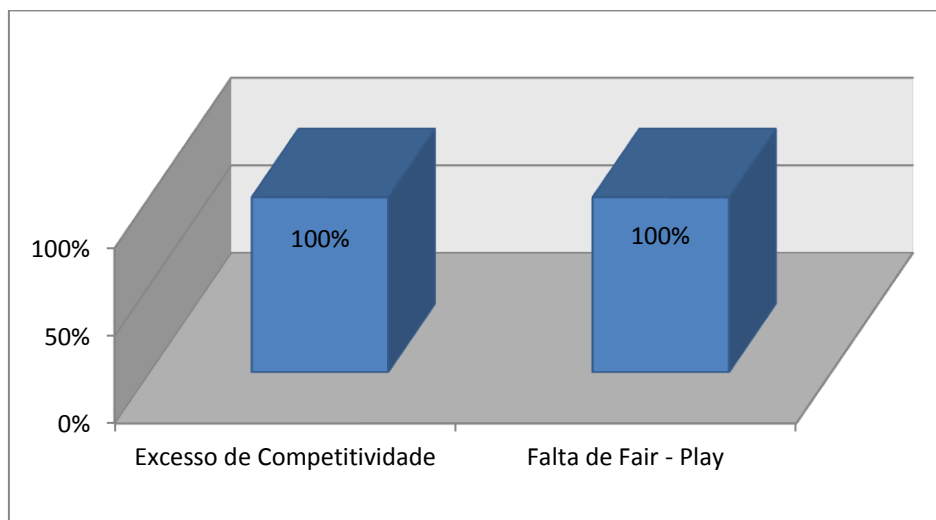


Gráfico 3: Distribuição da amostra segundo os motivos para o inferior comportamento da turma na aplicação do MED.

Todos os alunos entrevistados consideraram que a falta de fair – play e o excesso de competitividade foram os motivos para o “pior” comportamento geral da turma durante as aulas de voleibol ministradas com o MED. Tendo todos os entrevistados apontado como razões para o sucedido, o excesso de competitividade que se foi criando com o desenrolar da época desportiva, assim como, a falta de fair – play entre as equipas.

Estes aspetos acabaram por influenciar o comportamento geral da turma, perturbando de certa forma o bom funcionamento das aulas.

Na 4ª pergunta da entrevista, foi questionado aos alunos entrevistados do 10ºA, **qual o modelo que os eles gostaram mais, ou mais especificamente, qual dos modelos é que preferiram?**

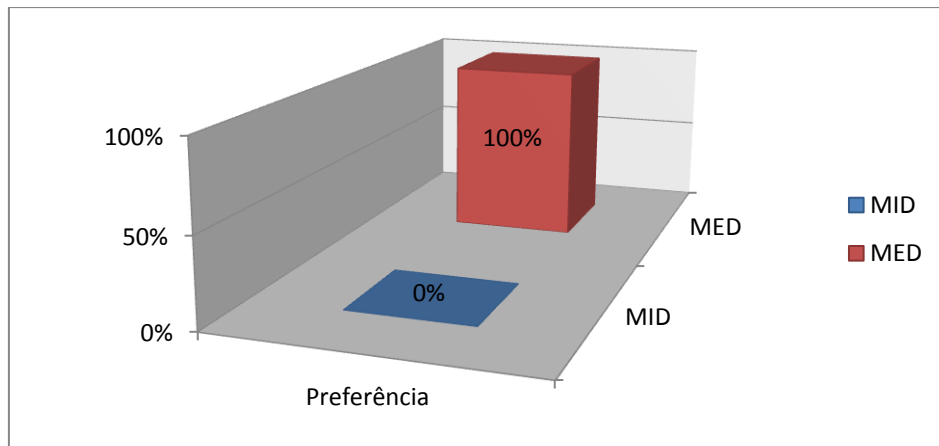


Gráfico 4: Distribuição da amostra em função da preferência.

É possível observar no gráfico 4, que a preferência dos alunos recai na sua totalidade nas aulas onde foi aplicado o MED.

6.1.9. Discussão dos resultados

Com a elaboração deste estudo, e após a longa caminhada percorrida até à concretização da presente investigação, pretendia dar resposta aos objetivos traçados inicialmente.

A elaboração desta, vem comprovar a perceção que eu fui criando, ao mesmo tempo que a aplicação do MED ia decorrendo.

Paralelamente à implementação do modelo, e no decorrer das suas aulas, fui – me apercebendo que o comportamento da turma ia piorando, assim como o ambiente entre os alunos.

Como é possível verificar no gráfico 1, os dados recolhidos revelam que os alunos consideram que em todos os aspetos, o MED é superior ao MID, embora tenha sido mencionado pelos entrevistados que o fair – play entre os alunos tenha sido superior no MID.

A constatação destes factos, vai de encontro ao que eu verificava nas aulas de MED, que realmente não existia fair – play, assim como o comportamento dos alunos também não era o mais adequado.

Após ter constatado estes factos, sendo que os alunos também consideravam que não havia fair – play entre eles no decorrer das aulas, tentei

perceber se estes também compartilhavam da minha opinião, de que o comportamento da turma com a utilização do MED era pior. Como é possível verificar no gráfico 2, todos os alunos entrevistados mencionaram que o comportamento dos alunos tinha menos apropriado ao longo das aulas em que o MED tinha sido aplicado.

Surge aqui a necessidade de saber quais os motivos mais apontados pelos alunos, como sendo os causadores desse inferior comportamento. Tendo estes, referido que a falta de fair – play e o excesso de competitividade são os principais motivos para o pior comportamento da turma (gráfico 3).

De facto, os resultados obtidos vêm de encontro aquilo que eu vinha observando. De uma forma geral, o comportamento da turma vinha a piorar e o ambiente entre os alunos também, facto que não acontecia no 1º período com a utilização do MID e que nunca tinha sucedido até ao momento. Estes factos só eram perceptíveis nas aulas de voleibol onde o MED estava a ser aplicado. Nas restantes aulas, tudo decorria normalmente. Acontecimento que me deixava surpreendido, pois a turma sempre demonstrou ser bastante coesa e unida, algo que o excesso de competitividade e a falta de fair - play ao longo da época desportiva conseguia destruir.

Embora se tenha verificado que o excesso de competitividade e a falta de fair play influenciavam o comportamento da turma, esta no que diz respeito aos restantes aspetos e características do MED, vinha aderir positivamente.

A cada momento letivo era notório o empenho, o entusiasmo e a criatividade destes. A elaboração de t – shirts, bandeiras, mascotes, hinos, grito, foi algo que me deixou surpreendido e que comprovava a adesão da turma ao modelo. Neste contexto a turma superou em muito as minhas expectativas. Contudo, encararam a época desportiva (competição), como se de uma verdadeira “batalha” se tratasse. Foi neste parâmetro que se evidenciou a falta de fair play e o excesso de competitividade, que levavam a uma global diminuição do comportamento da turma.

Apesar das constatações acima mencionadas, estes consideram, que preferem a utilização do MED em detrimento do MID (gráfico 4). Os aspetos

positivos revelados pela implementação do modelo acabam por se superiorizar aos aspetos negativos revelados pela aplicação deste.

É inquestionável que a predisposição dos alunos para a prática das aulas de voleibol com a utilização do MED, era em tudo superior em relação às do MID, contudo, esta implementação acarreta aspetos positivos e aspetos negativos, como podemos ver.

A aplicação do MED no voleibol nas aulas de EF, na turma A do 10º ano de escolaridade foi sensacional, no entanto este é diferente de caso para caso.

6.1.10. Reflexões sobre o Estudo

Apesar de ter apurado que realmente o comportamento geral da turma saía prejudicado com a implementação do MED, e que de certa forma este perturbava o bom funcionamento das aulas, considero que o uso deste foi positivo, pois a sua utilização permitiu desenvolver nos alunos outro tipo de conhecimentos e outro tipo de experiência.

Surge então a questão: “será que nesta turma os aspetos positivos demonstrados durante as aulas, compensam os aspetos negativos evidenciados?”. Na minha opinião sim, pois o conhecimento inicial dos alunos relativamente à modalidade de voleibol, era muito reduzido. Quer a nível teórico e principalmente ao nível prático os alunos evidenciavam muitas debilidades, que durante, e após aplicação do MED possibilitou uma evolução notável de todos os alunos. Sim, o excesso de competição e a falta de fair – play trouxeram para as aulas de voleibol um comportamento por vezes inadequado e uma rivalidade excessiva entre estes, mas o conhecimento global destes saiu beneficiado.

Então, para mim, a utilização do MED só beneficiou a evolução da turma dentro da modalidade de voleibol, no fundo, o mais importante é que estes adquiram verdadeiros conhecimentos das modalidades lecionadas, embora outros aspetos negativos possam surgir.

O uso deste, permitiu desenvolver nos alunos outro tipo de conhecimentos sobre a modalidade e proporcionar - lhes uma experiência verdadeiramente desportiva.

Durante a execução deste trabalho, surgiram algumas dificuldades, como resultado da falta de experiência, mas posso afirmar que o desafio foi superado e ultrapassado com êxito e com uma enorme motivação.

Fica assim aberto o caminho para investigações futuras de outros ou do próprio investigador, visto que as conclusões apresentadas apenas dizem respeito à amostra em estudo, não podendo ser considerada representativa da população, assumindo que fica ainda, muita coisa por investigar.

6.1.11. Possíveis Limitações do Estudo:

-  Inexperiência do investigador;
-  A amostra do estudo inclui apenas um número específico e reduzido de alunos;
-  Ter como referência da investigação apenas uma turma e um estabelecimento de ensino.

6.1.12. Conclusões

Assim, podemos concluir que:

- ✚ A utilização deste permitiu: desenvolver um melhor conhecimento sobre a modalidade; demonstrar que o empenho e o entusiasmo pela prática foi superior; desenvolver nos alunos uma criatividade até então desconhecida; promover dentro das equipas um grande espírito de entreajuda (afiliação); melhorar as suas classificações em função de um conhecimento (teórico – prático) mais aprofundado sobre a modalidade. Conhecimento, que provém da verdadeira experiência desportiva que vivenciaram. Mas ao mesmo tempo, evidenciou que a competitividade dentro da turma foi superior e que o fair – play não era o melhor.
- ✚ Os alunos consideram que o comportamento da turma nas aulas de voleibol onde o MED foi implementado, era menos adequado, comparativamente àquele que demonstraram durante aplicação do MID no 1º período.
- ✚ Os motivos apontados pelos alunos para o comportamento menos adequado dos alunos durante as aulas do MED, foi o excesso de competitividade e a falta de fair – play, que prejudicavam o bom funcionamento das aulas, no que diz respeito ao comportamento.
- ✚ Os alunos preferiram as aulas em que o MED foi utilizado.

6.1.13. Referências Bibliográficas

Alarcão, I. (2001). Professor – investigador: Que sentido? Que formação?. Universidade de Aveiro: Cadernos de Formação de Professores, Nº1, pp. 21 – 30, 2001. Texto resultante de intervenção no colóquio sobre “Formação Profissional de Professores no Ensino Superior”, organizado pelo INAFOP, Aveiro, 24 de novembro de 2000.

Fortin, M.F. (1996). *O processo de investigação: Da concepção à realização*. Lusociência-Edições Técnicas e Científicas, Lda. (pp. 15 – 264).

Kerlinger, F.N. (1973). *Foundations of behavioral research* (2ª Ed). New York: Holt, Rinehart and Winston Inc.

Metzler, M. W. (2000). *Instructional models for physical education*. Boston: Allyn and Bacon.

Rink, J. E. (2001). Investigating the assumptions of pedagogy. *Journal of Teaching in Physical Education*, 20, 2, 112-128.

Rosado, A., & Mesquita, I. (2009). *Pedagogia do Desporto*. Lisboa: FMH. (pp. 39 – 69).

Rink, J. E. (2001). Investigating the assumptions of pedagogy. *Journal of Teaching in Physical Education*, 20, 2, 112-128.

Rosenshine, B. (1983). Teaching functions as instructional programs. *Elementary School Journal*, 83, 335-350.

Stenhouse, L. (1975). *An introduction to curriculum research and development*. London: Heinemann.

7. Conclusões e Perspetivas para o Futuro

7. Conclusões e Perspetivas para o futuro

“O valor das coisas não está no tempo que elas duram, mas na intensidade com que acontecem. Por isso, existem momentos inesquecíveis, coisas inexplicáveis e pessoas incomparáveis.”

(Fernando Pessoa)

O Estágio Profissional constitui –se como uma oportunidade de colocar em prática os conhecimentos adquiridos durante os anos de formação vividos na Faculdade. Servindo de complemento dos conhecimentos teóricos através de situações práticas num contexto real, que me permitiu construir um estilo de ensino e um conjunto de competências, que são o produto das vivências da prática letiva.

A sensação de alegria, de orgulho e de um certo alívio que se apoderam de mim são inexplicáveis, pois, hoje sinto que sou mais instruído que no início da minha formação, sendo capaz de agir nas diferentes batalhas da vida docente. Por isso tudo, hoje sinto – me mais competente para ser e exercer o que sempre sonhei, ser professor de Educação Física.

A realização do Estágio Profissional permitiu – me vivenciar todas as sensações que caracterizam esta tão nobre profissão mas tão pouco valorizada pela nossa sociedade. O medo e a ansiedade inicial, o entusiasmo de viver os momentos que por tantas vezes ansiei e as frustrações que são inevitáveis, mas que são necessárias, pois só assim se pode evoluir.

Todo este caminho é constituído por dificuldades, pois todos os dias somos postos à prova durante nas aulas, nas diferentes atividades que são organizadas e concretizadas na escola e particularmente porque todos os dias somos confrontados pelos nossos alunos. São estes que nos obrigam a organizar, planear, atuar e a tomar decisões, bem como a refletir sobre esta prática que tanto exige de nós.

Neste sentido, a execução do relatório de estágio profissional apresenta-se como um registo das experiências vividas neste ano letivo. Um registo que

teve como peça basilar a reflexão, podendo assim afirmar que esta é a trave mestra da realização deste relatório. Refletir sobre a nossa ação é uma necessidade para o desenvolvimento das nossas capacidades e conhecimentos. Só refletindo sobre a prática, podemos entender o que fizemos corretamente ou não, conseguindo assim melhorar no futuro.

Face às circunstâncias atuais da sociedade, estou apreensivo quanto ao futuro profissional enquanto professor de Educação Física. Enveredar pela prática docente significa estar pronto para a instabilidade profissional. Não obstante das dificuldades que irei enfrentar, sinto – me motivado. O sentimento de tristeza também me invade: o afastamento dos meus alunos, das emoções que despertamos juntos e de uma vida profissional que cada vez se demonstra mais difícil de obter. Embora o futuro não se afigure risonho e positivo, não perco o ânimo, pois há palavras que não me deixam abdicar, mantendo – me determinado...

“Braga, 15 de Junho de 2012

Caro Professor,

Os alunos do 10º A tiveram o privilégio de o ter como docente na disciplina de Educação Física.

Desde a primeira aula que verificamos a sua simpatia, bem como, o profissionalismo com que se apresentou. Contudo, ainda recordamos a preocupação com que se apresentou traduzida no nervoso miudinho que não passou despercebido.

Assim sendo, estes alunos reconhecem a sua dedicação, o seu esforço e profissionalismo que sempre nos dedicou, com isto queremos agradecer todos os momentos que nos proporcionou.

Esperemos que a sua carreira seja um êxito, não se esquecendo da sua primeira turma que lhe deseja as maiores felicidades do mundo

Os alunos do 10ºA”

“Neste momento palavras perdem o sentido diante das lágrimas contidas nas saudades que iremos sentir, mas sorriso é o que demonstraremos neste instante.

Sempre há um amanhã e a vida nos dá sempre mais uma oportunidade para fazermos as coisas bem, e temos que aproveitar cada oportunidade, por isso sabemos que você tem que ir, mas ficaremos aqui a desejar o seu sucesso hoje e sempre. Que você tenha mais histórias intensas como foi a nossa. Hoje é apenas a última vez que você verá as pessoas que conviveu no trabalho, mas o início de uma vida de convivência de amigos eternos.

Obrigado, Professor Ricardo Alves.”

(João Pedro Gonçalves, 16/06/2012)

8. Referências Bibliográficas

8. Referências Bibliográficas

Alarcão, I. (1996). Ser professor reflexivo. In I. Alarcão (Ed.), *Formação reflexiva de professores: Estratégias de Supervisão* (pp.171 - 188). Porto: Porto Editora.

Amaral, M. J. et al. O papel do supervisor no desenvolvimento do professor reflexivo: estratégias de supervisão. In: ALARCÃO, I. A formação reflexiva de professores: estratégias de supervisão. Porto Editora, 1996. P. 89 – 122

Andrade, C. D. (s/d). Frases e Pensamentos. Consult. 15 de julho 2012, disponível em <http://chigui.no.comunidades.net/index.php?pagina=1332301109>

Bento, J. O. (1993). Profissionalidade, ciência da profissão e competência profissional na formação do pedagogo de desporto e de educação física. *Espaço: Revista de ciência do desporto dos países de língua portuguesa*, 1(1), 5-15.

Bento, J. (1995). *O outro lado do desporto* (1ª Ed.). Porto: Campo de letras – Editores, S.A.

Bento, J. O. (2003). *Planeamento e Avaliação em Educação Física*. Lisboa: Livros Horizonte.

Caires, S., & Almeida, L. (2000). Os estágios na formação dos estudantes do ensino superior: Tópicos para um debate em aberto. *Revista Portuguesa de Educação*, (pp.219 – 241).

Cunha, A. (2007). *A Educação Física em Portugal: Os Desafios na Formação de Professores*. Porto: Coleção Jardins do Tabaco.

Cunha, A. (2008a). *Ser Professor: Bases de uma Sistematização Teórica*. Braga: Casa do Professor.

Cunha, A. (2008b). *Pós modernidade, Socialização e Profissão dos Professores: De Educação Física*. Viseu: Visilis Editores.

Domingos, J.C. (2003). *A autonomia da classe docente*. Porto: Porto Editora.

Formosinho, J. (1992). O dilema organizacional da escola de massas. *Revista Portuguesa de Educação*, 2 (1), 53 – 86.

Formosinho, J. (2001). *A Formação Prática dos Professores: Da prática docente na instituição à prática pedagógica nas escolas*. Braga: Universidade do Minho.

Freire, P. (2011). *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*: São Paulo, Paz e Terra. Consult. 10 julho 2012, disponível em <http://revistaescola.abril.com.br/formacao/formacao-continuada/resenha-trecho-livro-pedagogia-autonomia-paulo-freire-556571.shtml>

García, M. C. (1992). *A Formação de professores: Novas perspetivas baseadas na investigação sobre o pensamento do professor*. In A. Nóvoa. (Coord.), *Os professores e a sua profissão*. (pp. 51-77). Lisboa: Publicações D. Quixote.

Lúcia, M. (2001). *Jornal Acontecendo*, nº 22 setembro de 2001. Consult. 17 de julho de 2012, disponível em <http://www.sinpro-abc.org.br/download/bol261.pdf>

Matos, Z. (2010). *Normas orientadoras do estágio profissional do ciclo de estudos conducente ao grau de mestre em ensino de educação física nos ensinos básicos e secundários da FADEUP*. Porto: Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

Morais, F., MEDEIROS, T. (2007). *Desenvolvimento Profissional do Professor: A Chave do problema*. Universidade dos Açores: Nova Gráfica.

Pessoa, F. (s/d) *Frases e Pensamentos*. Consult. 15 de Setembro 2012, disponível em <http://chiqui.no.comunidades.net/index.php?pagina=1332301109>

Pereira, D. F. & Vitorino, M. & Boff, L. (1999). *Saber Cuidar: Ética do humano – compaixão pela terra*. Petrópolis: Editora Vozes, 1999.

Rosado, A. & Ferreira, V. (2011). Promoção de ambientes positivos de aprendizagem. IN. A. Rosado, & I. Mesquita (Ed.) *Pedagogia do desporto* (pp. 185-206). Lisboa: Universidade Técnica de Lisboa, Faculdade de Motricidade Humana.

ANEXO 1: DECISÕES INICIAIS

(03/01/2012)

Turma – 10ªA

Unidade Temática – Voleibol

Nº de aulas – 8 de 90 minutos e uma de 45 minutos.

Avaliação inicial – foi realizada no início do ano aquando da Unidade Temática de Avaliações iniciais.

Equipas – heterogéneas elaboradas pelo professor, segundo a avaliação inicial (com possibilidade dos alunos procederem a algumas alterações, mas mantendo a heterogeneidade).

Equipa A
Ana Costa
Inês Sobrinho
Sara Gomes
João Gonçalves
Inês Carones (C)
Óscar

Equipa B
Cristina
Paradela (C)
Juliana
Mariana
João Ferreira

Equipa C
Ana Silva
Gonçalo
Sara Gonçalves
Sofia
Jeremy (C)
Paulo

Equipa D
Pedro
Patricia
Catarina
Francisco (C)
Andreia

Equipa E
Ricardo (C)
Claudia
Sérgio
Rita
Tânia

Ações a desenvolver pelos alunos na pré-época -

Cada equipa deve:

- * Arranjar nome da equipa/ logótipo/mascote para a equipa/grito/bandeira/cor (enviar ao professor para o email até 13/1/12)
- * Apresentar a mascote/logótipo/grito/bandeira(opcional)/t-shirt(cor) à turma (na aula do dia 18/1/12)
- * A t-shirt convém ser da cor que escolherem para a equipa, caso queiram podem colocar o logótipo da equipa na t-shirt.
- * Escolher 1 árbitro (ou vão sendo à vez)

Documentos a elaborar pelos professores na pré-época e a entregar aos alunos –

- * Manual da equipa (enviar para o email da turma até 11/1/12)
- * Manual do capitão (fornecer ao capitão e enviar para o email da turma até 11/1/12)
- * Contrato do capitão (fornecer ao capitão e assinar até 11/1/12)

Prémios a atribuir no evento culminante -

- Melhor Mascote (escolhido pelas equipas e o capitão coloca o voto na urna, no evento culminante)
- Nome da equipa mais criativo (escolhido pelas equipas e o capitão coloca o voto na urna, no evento culminante)
- Equipa Fair-play (escolhido pelas equipas e o capitão coloca o voto na urna, no evento culminante)
- Equipa vencedora do evento culminante
- O aluno mais empenhado (escolhido pela Professora Cooperante e pelo Professor Estagiário)

ANEXO 2: Manual do Treinado/Capitão

*Unidade Temática de
Voleibol 10º A*



Manual do Treinador – Capitão

Professora: Luisa Brandão
Professor Estagiário: Ricardo Alves

10º A

Ano lectivo: 2011/2012



Manual do Treinador – Capitão

Este manual tem os exercícios que terás que organizar e trabalhar com a tua equipa no início de cada aula.

Irás realizar alguns dos exercícios propostos, de acordo com as necessidades da tua equipa. Deves escolhê-los com cuidado, pensar no material que vais precisar (bola, rede, cones, coletes, etc.) e avisar com antecedência os teus colegas responsáveis pelo material/espço.

A tua equipa terá um espaço definido para trabalhar em cada aula ou grupo de exercícios. Terás que saber os objectivos dos exercícios, como os fazer e o que os teus colegas devem aprender com eles.

Lembra-te, ser capitão é uma grande honra. Só um aluno muito especial pode assumir esta função. Deves ser calmo, explicar de forma clara e com paciência os exercícios, ajudar todos os colegas, incentivá-los e dar-lhes muita força e apoio. Faz o melhor que puderes e dignifica esse posto.

Unidade Temática de Voleibol 10ª A



Aula nº 1

Objetivos da aula:

- ✓ Apresentação do modo de funcionamento das aulas de Voleibol.
- ✓ Apresentação das Equipas
- ✓ Exercitar o Passe, a Manchete e o Serviço por Baixo

Parte inicial:

- Apresentação das Equipas
- Ativação Geral

Parte Fundamental:

- Passe
- Manchete
- Serviço por Baixo

Parte Final:

- Retorno à calma
- Arrumação do Material
- Reflexão Final

Aula nº 2

Objetivos da aula:

- ✓ Exercitar o Passe, a Manchete e o Serviço por Baixo
- ✓ Aplicar as ações técnicas abordadas em situação de jogo 4x4

Parte inicial:

- Ativação Geral (ministrada pela equipa:-----)

Parte Fundamental:

- Passe
- Manchete
- Serviço por Baixo
- Jogo 4x4

Parte Final:

- Retorno à calma
- Arrumação do Material
- Reflexão Final/ avaliação dos conhecimentos

Professores: Luísa Brandão e Ricardo Alves 3



Aula nº 3

Objetivos da aula:

- ✓ Exercitar o Passe, a Manchete e o Serviço por Baixo
- ✓ Serviço por Cima
- ✓ Aplicar as ações Abordadas em situação de **jogo 4x4**

Parte inicial:

- Ativação Geral (ministrada pela equipa:-----)

Parte Fundamental:

- Passe
- Manchete
- Serviço por Baixo
- Serviço por Cima
- Jogo 4x4

Parte Final:

- Retorno à calma
- Arrumação do Material
- Reflexão Final/ avaliação dos conhecimentos

Aula nº 4

Nesta aula os capitães vão escolher quais os exercícios a abordar, nas suas equipas. O professor será o treinador principal e os capitães serão os seus adjuntos.

Objetivos da aula:

- ✓ Exercitar o Passe, a Manchete e o Serviço por Baixo e por cima
- ✓ Aplicar as ações Abordadas em situação de **jogo 4x4**

Parte inicial:

- Ativação Geral (ministrada pela equipa:-----)

Parte Fundamental:

- Passe
- Manchete
- Serviço por Baixo
- Serviço por Cima

Professores: Luísa Brandão e Ricardo Alves 4

Unidade Temática de Voleibol 10th A



- Jogo 4x4

Parte Final:

- Retorno à calma
- Arrumação do Material
- Reflexão Final/ avaliação dos conhecimentos



ANEXO 3: CONTRATO CAPITÃO -TREINADOR

NOME DA EQUIPA: _____ MODALIDADE: _____

PROFESSORES: _____ TREINADOR/CAPITÃO: _____

COMO CAPITÃO/TREINADOR DE EQUIPA SEREI UM EXEMPLO DE BOA LIDERANÇA E CONDUTA DESPORTIVA DIGNA, NAS SEGUINTE ÁREAS:

- **FAIR-PLAY-** *Agirei sempre respeitando as regras da actividade, competição ou aula.*
- **EMPENHO TOTAL** – *Trabalharei vigorosamente nas distintas tarefas da aula (treinos, exercícios e competições).*
- **RESPEITO-** *Mostrarei respeito pelas colegas de equipa, adversários, juizes, secretários de resultados, professor e material.*
- **RESPONSABILIDADE-** *Organizarei os meus atletas para os treinos e antes das competições.*
- **ASSISTÊNCIA-** *Motivarei sempre os meus colegas e farei deles melhores atletas.*

DEVERES ESPECÍFICOS DO CAPITÃO/TREINADOR

- ⇒ Tomar nota dos alunos da sua equipa que estão presentes e os que faltam ou não realizam aula (motivos).
- ⇒ Se necessário, convocar reuniões entre todos os elementos da equipa, para resolver problemas surgidos.
- ⇒ Cumprir as tarefas planeadas para as aulas.
- ⇒ Auxiliar o professor a estruturar as equipas para as competições.
- ⇒ Actuar como representante/porta-voz da equipa.
- ⇒ Controlar sempre os comportamentos dos colegas de equipa e dos outros alunos, para que estejam em segurança.
- ⇒ Manter o manual do Treinador/Capitão e da Equipa em excelentes condições.

ASSINATURA CAPITÃO/TREINADOR: _____ DATA: _____

ASSINATURA MEMBROS DA EQUIPA:

ASSINATURA DOS PROFESSORES: _____

ANEXO 4

Época Desportiva 2012 Voleibol

Manual da Equipa



Ano lectivo 2011/2012

Escola Secundária c/3.º Ciclo Dona Maria II





MANUAL DE EQUIPA

Lê com muita atenção este manual

- O Manual explica todas as tarefas que tens de saber desempenhar de acordo com a tua função na equipa.
- Podes desempenhar os seguintes cargos: Jogador, árbitro, oficial de mesa, responsável pelo material/espço, estatístico.
- Assim, ao longo da época, além de jogador irás desempenhar um dos outros papéis.
- A tua equipa, em cada aula, terá um espaço definido para trabalhar. Terás de conhecer e perceber os objectivos dos exercícios, e realizá-los com alegria e empenho. É importante ajudarem-se para que todos se tornem melhores praticantes.
- Cada um tem de saber muito bem as tarefas a desempenhar, bem como as tarefas dos colegas. Só assim é que tudo pode decorrer sem falhas

Dá o teu melhor e honra a tua equipa.



História da Modalidade

O Voleibol foi criado nos Estados Unidos, no dia 9 de Fevereiro de 1885, em Massachussets, por William G. Morgan, responsável pela Educação Física no Colégio da Associação Cristã de Jovens (Young Man Christian Association - Y.M.C.A.) Springfield, Holioko, no Estado de Massachussets, nos Estados Unidos da América, ao qual se denominou inicialmente por “Mintonette”.



Procurava-se criar uma nova actividade de carácter mais recreativo que fosse suave e motivante, ao contrário do fatigante e competitivo Basquetebol, que se pudesse praticar no Inverno, que não colocasse tantos problemas de material e de ocupação como o ténis e que ao mesmo tempo exigisse um grande esforço e uma movimentação variada.

Com base no ténis, permaneceu na sua ideia uma rede a dividir o espaço de jogo, que deveria ser jogado num recinto rectangular, entre duas equipas separadas pela rede, mantendo uma bola em movimento, até que esta tocasse no solo, ou fosse batida para além dos limites do campo. O número de jogadores não era limitado, só tinha de ser igual para ambas as equipas. Para que todos os jogadores pudessem servir, já se usava o sistema de rotação. Era pois, um jogo que podia ser jogado em recintos cobertos ou ao ar livre, por um qualquer número de jogadores.

A primeira demonstração pública deste jogo foi realizada em 1896 no Colégio de Springfield, durante uma Conferência de Directores de Educação Física do YMCA. Morgan apresentou duas equipas formadas por cinco jogadores, num campo de 15,35 m de comprimento, por 7,625 m de largura e com a rede colocada a uma altura de 1,98 m. Durante a exibição o Prof. Alfred Halstead sugeriu a mudança de nome para “Volley-ball”, que na sua opinião era mais adaptada ao jogo e com a qual Morgan concordou, ou seja “o voo da bola de um lado para o outro”.

Nos nossos dias, o Voleibol ultrapassou limites e ocupa espaços abertos, aparecendo como alternativa o Voleibol de Praia. Esta nova variante é um fenómeno que se tem vindo a expandir, tendo já alcançado o estatuto de modalidade Olímpica.

Voleibol em Portugal

O Voleibol foi introduzido em Portugal pelas tropas norte-americanas que estiveram estacionadas na Ilha dos Açores, durante a 1ª Grande Guerra Mundial. O Eng.º António Cavaco, natural de S. Miguel, teve um papel preponderante na divulgação do Voleibol quando veio para Lisboa, tirar o curso de engenharia, nomeadamente nas Escolas Superiores e Faculdades, com mais incidência na

Unidade Temática de Voleibol 10ª A



Associação de Estudantes do Instituto Superior Técnico, equipa que dominaria a modalidade até aos anos sessenta.

A Federação Portuguesa de Voleibol (F.P.V.) nasceu no dia 7 de Abril de 1947 em Lisboa, sendo presidida por Guilherme Sousa Martins. A F.P.V. seria uma das fundadoras da Federação Internacional de Voleibol.

A estreia da selecção portuguesa em provas internacionais deu-se no Campeonato da Europa de 1948 em Roma, acabando a prova em quarto lugar.

Em 1993 realiza-se o primeiro Campeonato Nacional de Duplas Masculinas e Femininas em Voleibol de Praia, tendo como campeões as duplas Miguel Maia / João Brenha e Cristina Pereira / José Schuller. No ano seguinte, Espinho recebe uma etapa do Circuito Europeu de Voleibol de Praia, sendo ganha pela dupla Maia / Brenha.

Principais factos após a invenção do voleibol:

- 1900 - O Voleibol chega ao Canadá, primeiro país fora dos Estados Unidos.
- 1908 - O Voleibol vai para o continente asiático e começa a ser praticado na China e no Japão.
- 1910 - O Voleibol chega ao Perú - primeiro país da América do Sul a praticar esta modalidade.
- 1942 - Aos 72 anos de idade morre o criador do voleibol, William George Morgan.
- 1946 - Foi criado o Campeonato Nacional de Voleibol masculino, tendo sido o primeiro campeão, a equipa do Instituto Superior Técnico.
- 1947 - Foi fundada na França a FIVB (Federação Internacional de Voleibol).
- 1948 - A estreia da Selecção Portuguesa em provas internacionais deu-se no Campeonato da Europa de 1948, em Roma, acabando a prova em quarto lugar.
- 1949 - Foi realizado o primeiro campeonato mundial masculino na Checoslováquia (foi vencido pela Rússia).
- 1951 - Realização do primeiro campeonato sul-americano de Voleibol, na cidade do Rio de Janeiro. O Brasil tornou-se campeão.
- 1952 - Primeiro campeonato mundial feminino.
- 1956 - Primeira participação de Portugal num Mundial - no 3º Campeonato do Mundo, em Paris, tendo-se classificado em 15º lugar, entre 24 países concorrentes.
- 1964 - O Voleibol passa a fazer parte do programa oficial das Olimpíadas, realizadas em Tóquio, no Japão.



Características

O voleibol é um desporto colectivo jogado por duas equipas num terreno dividido ao meio por uma rede.

O objectivo do jogo é enviar regulamentarmente a bola por cima da rede, de forma a tocar no campo contrário e impedir, por outro lado, que ela toque no solo do seu próprio campo. Cada equipa dispõe do máximo de três toques para desenvolver a bola para além do toque no local.

A bola é posta em jogo com o serviço: o jogador que efectua o serviço bate a bola de forma a enviá-la por cima da rede para o campo contrário. A jogada desenvolve-se até que a bola toque no solo, e seja enviada para a outra das equipas, a qual consiga desenvolver correctamente.

Em cada jogada há ganho e um ponto (sistema de ponto por jogada). Quando a equipa que recebe ganha a jogada, ganha um ponto e o direito de servir e os seus jogadores efectuam uma rotação, deslocando-se uma posição, no sentido dos ponteiros do relógio.

&

Regulamento específico da modalidade

• Terreno de jogo

O terreno de jogo é um rectângulo com 12m x 5m.

A altura da rede é de 2,24m.

&

• Número de jogadores

O voleibol é um jogo desportivo colectivo praticado por duas equipas, cada uma composta por jogadores efectivos e, no máximo, 12 suplentes.

&

• Duração e interrupção do jogo

Os jogos de voleibol durante as aulas terão um limite de tempo específico, ao contrário do que acontece em situações formais de jogo.

&

• Sistema de pontuação

Uma equipa conquista um ponto cada vez que ganha uma jogada. Se a equipa que serve ganha a jogada, o jogador que realizou o serviço volta a servir.

&

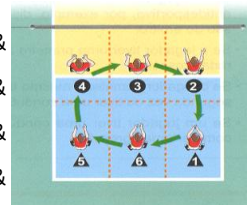
&

Unidade Temática de Voleibol 10ª A



• Rotação

Após cada serviço, a equipa deve executar a rotação no sentido dos ponteiros do relógio. Isto é, a rotação é efectuada segundo a seguinte sequência de posições: 1, 2, 3, 4, 5, 6, e no momento do serviço, cada equipa deverá estar posicionada em campo conforme a ordem de rotação. Por exemplo, o jogador da posição 6 tem que estar atrás do



jogador da posição 3 e entre os jogadores das posições 4 e 5; o jogador da posição 5 tem que estar atrás do jogador da posição 6 e à esquerda do jogador da posição 4, e assim sucessivamente.

&

• Bola fora

A bola é considerada fora de jogo quando contacta o solo ou toca em qualquer objecto (varetas, postes, tecto) ou pessoas (treinadores, suplentes, árbitros) fora dos limites do campo. As linhas que delimitam o campo fazem parte deste. Se a bola cair dentro do campo adversário, a equipa que conseguiu colocar a bola num ponto de onde é permitido servir.

&

• Número de toques

A cada equipa só é permitido realizar três toques em cada jogada e cada jogador não é permitido realizar dois toques consecutivos.

Esta regra é alterada quando há uma situação de bloqueio, isto é, quando um jogador efectua uma acção técnica de bloqueio pode realizar outro toque logo de seguida, sendo este considerado o primeiro toque da equipa.

Se a bola for tocada, por um jogador, em duas partes distintas do seu corpo de uma só vez, excepto, por exemplo, na recepção do serviço da equipa adversária, quando os dois toques ou o transporte da bola é executado na mesma acção.

A bola pode tocar em qualquer parte do corpo em todos os gestos técnicos, excepto no serviço.

&

• Violação da rede e linha divisória

Tocar a rede ou passar com um ou mais pés para além da linha divisória do meio campo é falta. A linha central divisória pode ser pisada, mas nunca ultrapassada.

O jogador pode invadir o espaço contrário por cima da rede, depois do terceiro toque da equipa adversária e sempre que algum jogador execute um ataque.

&

&

6&



Unidade Temática de 'Voleibol' 10ª A

• **Invasão do Espaço do Adversário**

Por baixo da rede: É permitido pisar na linha central, desde que não ultrapasse totalmente e desde que não interfira no jogo do adversário.

Por cima da rede: É permitido passar as mãos e os braços para o espaço do adversário (nomeadamente ao alto), desde que não interfira no jogo do adversário. É permitido tocar a bola e por cima da rede no espaço do adversário e este é considerado um ataque.

Após a execução do serviço por parte do adversário, não é permitido realizar o ataque.

&

• **Substituição de Jogadores**

Uma substituição é o acto pelo qual um jogador entra em jogo para ocupar a posição de outro jogador que deve sair do campo nesse momento. As substituições requerem autorização do árbitro.

&

• **Faltas e Correções**

Ataque

Um jogador defesa pode efectuar qualquer acção de ataque, com a bola a qualquer altura, atrás da zona de ataque (zona dos 3 metros):

Desde que, no momento da chamada, o(s) seu(s) pé(s) não tenha(m) tocado nem ultrapassado a linha de ataque (linha dos 3 metros). Depois de bater a bola pode cair dentro da zona de ataque.

Um jogador defesa pode também efectuar um ataque efectivo dentro da zona de ataque e, no momento do contacto, uma parte da bola estiver abaixo do bordo superior da rede.

Nenhum jogador pode efectuar um ataque efectivo do serviço do adversário, quando a bola está na zona de ataque e totalmente acima do bordo superior da rede.

Serviço

O serviço é executado atrás da linha final, no espaço compreendido entre o prolongamento das linhas laterais. A bola é lançada previamente e batida com qualquer parte do membro superior.

A bola pode tocar no bordo superior da rede do serviço, desde que transponha o espaço entre as redes e passe para o campo do adversário, e não tocar em nenhum jogador da equipa que serve.

Quando um jogador está a executar o serviço, os restantes jogadores do adversário devem estar dentro do campo, na ordem correcta de rotação.

&

&

7&

Professores: Luísa Brandão e Ricardo Alves





Funções do Árbitro:

Deve assinalar:

Qual a equipa que conquista o ponto.

Qual a infração cometida e o seu caso.

Se a atenção do marcador de pontos está correcto.

&

Sinalética da Arbitragem:

Equipa a servir	Autorização para o serviço	Serviço para a rede	Bola não levantada na execução do serviço
Serviço para fora ou bola fora	Bola dentro	Quatro toques	Dois toques
Transporte	Toque na rede da bola ou do jogador	Penetração no campo contrário	Fim do set
Advertência	Penalização	Desqualificação	Expulsão

&

&

Funções dos Marcadores de Pontos:

Devem marcar os pontos de cada uma das equipas.

Se a atenção do preenchimento das fichas de jogo.

Se a atenção das indicações do árbitro.

8&

Professores: Luísa Brandão e Ricardo Alves



Unidade Temática de Voleibol 10ª A



Devem registar os jogadores e os jogos nas fichas de jogo, que serão usadas sempre que for uma aula de torneio. (Ficha 1)

Na ficha de jogo terá de:

- Colocar o nome dos jogadores de cada equipa e os nomes serão dados pelos capitães).
- Colocar os pontos de cada equipa.

Para que tudo esteja correcto, tens de estar muito atento ao árbitro, pois é ele que dirige a partida e dizendo para que equipa é o ponto.

Ações técnicas a serem abordadas**• Posição fundamental**

- Um pé ligeiramente avançado em relação ao outro e afastados da largura dos ombros;
- Mi ligeiramente flectidos (Centro de gravidade baixo);
- Tronco ligeiramente inclinado à frente;
- MS à frente do tronco;
- Olhar dirigido para a bola.

**Erros mais comuns:**

- Pés paralelos;
- Extensão dos MI;
- MS descontraidos.

• Deslocamentos laterais, à frente e de guarda

- Um pé ligeiramente avançado em relação ao outro e afastados da largura dos ombros;
- Planta do pé em contacto com o solo;
- Membros inferiores ligeiramente flectidos;
- Tronco ligeiramente inclinado à frente;
- MS na posição de manchete;
- Olhar dirigido para a frente.
- Passe e Caçado

&

Erros mais comuns:

- Cruzamento dos apoios;
- Pés paralelos;



9&

Professores: Luísa Brandão e Ricardo Alves





- Extensão dos MI;
- MS descontráidos;
- Saltar durante os deslocamentos.

&

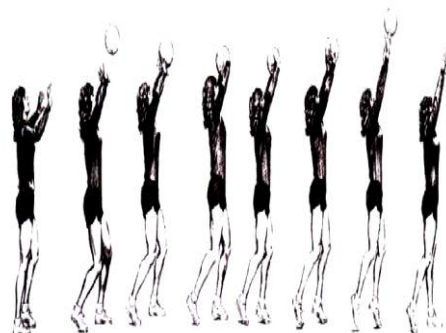
&

• Passe de Frente em Apoio

- Um pé ligeiramente avançado em relação ao outro e afastados da largura dos ombros;
- Corpo colocado abaixo da bola e os MI ligeiramente flectidos;
- Flexão/extensão e simultâneo dos membros inferiores e dos membros superiores (bola);
- MS em extensão;
- Mãos em forma de concha, dedos afastados e polegares orientados para o lado;
- A bola em contacto com a bola e os dedos;
- O passe feito acima da frente da cabeça;
- Cabeça levantada e olhar dirigido para a frente.

Erros mais comuns:

- Pés paralelos;
- Extensão dos MS e MI antes do contacto com a bola;
- Passe realizado a partir do peito;
- Bola atida com a palma das mãos e ausência de movimento de elevação dos braços;
- Falta de deslocamento para a bola.



&

• Manchete

- Um pé ligeiramente avançado em relação ao outro e afastados da largura dos ombros;
- Flexão dos MI (C.G. baixo);
- Ligeira inclinação do tronco para a frente;
- MS em extensão e com altura inferior à da cintura pélvica;
- Mãos unidas, uma por cima da outra;
- Rotação externa dos MS;

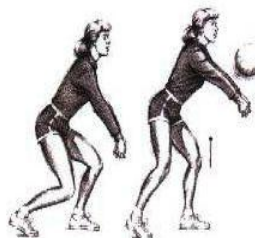


Unidade Temática de Voleibol 10ª A



✎ A zona de contacto com a bola é a superfície formada pelos dois antebraços, que se encontra entre os apoios;

✎ Cabeça levantada e olhar dirigido para a frente.

Erros mais comuns:

- MI em extensão;&
- Batimento ou contacto com a bola efectuado num plano demasiado elevado ou lateral;&
- MS flectidos;&
- “Mãos dadas” lateralmente;&
- As zonas de contacto com a bola são as mãos; &
- Movimento demasiado amplo e descontrolado dos MS, de baixo para cima;&
- Inclinação do tronco atrás.&

&

• Serviço por Baixo

✎ Acentuada flexão do tronco;&

✎ Pé contrário à mão livre adiantado;

✎ A bola deve estar colocada no prolongamento do braço livre;

✎ A mão que sustenta a bola situada sensivelmente a nível da cintura;

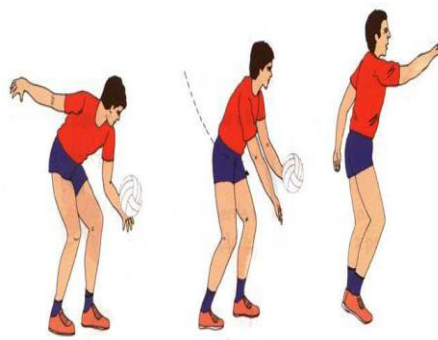
✎ A mão do batimento é colocada junto à bola, executando posteriormente um movimento para trás e para cima, de modo a preparar o batimento;

✎ O braço de batimento deve manter-se em extensão durante o movimento de trás para a frente;

✎ A zona de contacto com a bola é a palma da mão (mão rígida e dedos fechados);

✎ Após o batimento na bola, o peso do corpo deve ser deslocado para o apoio mais adiantado;

✎ Olhar dirigido para a zona alvo.

Erros mais comuns:

- Colocação errada dos apoios;&
- Bola colocada num plano demasiado alto ou baixo;&
- Bola colocada demasiado longe do corpo;&

11

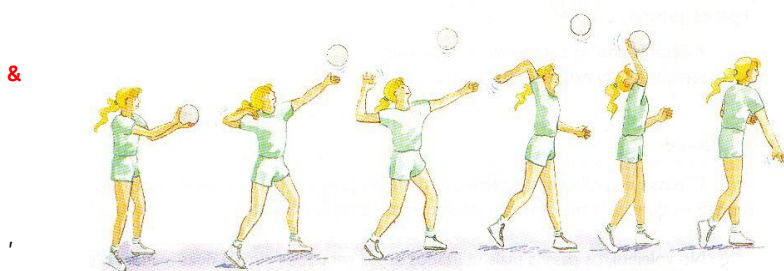
Unidade Temática de Voleibol 10ª A



- Bola não colocada no prolongamento do braço de batimento, o que origina um movimento lateral;
- Peso do corpo sempre no apoio de trás.

• Serviço por cima

- ✎ Pé contrário à mão de batimento adiantado;
- ✎ O MS cuja mão sustenta a bola sobe até à altura do rosto para posteriormente lançar a bola ao ar;
- ✎ O MS de batimento realiza um movimento de frente para trás e para cima de modo a preparar o batimento (armar braço);
- ✎ Após o lançamento da bola ao ar verifica-se o avanço da bacia e o recuo do tronco;
- ✎ O batimento da bola deve ser efectuado com a mão rígida e dedos bem fechados;
- ✎ O batimento da bola deve ser efectuado no ponto mais alto com o MS em extensão;
- ✎ Após o batimento o peso do corpo passa para o apoio mais adiantado;
- ✎ Olhar dirigido para a zona alvo.

Erros mais comuns:

- Corpo não colocado frontalmente à rede;
- Lançamento da bola demasiado alta e/ ou não realizado num plano vertical;
- O movimento do braço de batimento não é realizado de trás para a frente mas sim lateralmente;
- Mão relaxada;
- Batimento com o MS flectido.



Formas de jogo e bordadas

O jogo de voleibol implica a existência de um sistema de jogo. Por sistema de jogo, entende-se o conjunto de interações (acções) entre diferentes elementos, da mesma equipa, para o mesmo fim.

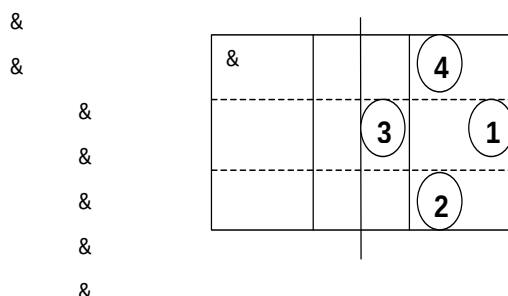
O sistema de jogo parece em função das características dos jogadores e do campo e conforme a sua função. Os jogadores podem ter três funções:

- Atacante
- Distribuidor
- Defesa

Jogo 4x4

O jogo 4x4 é um jogo reduzido de evolução para 6x6, onde o terreno de jogo é mais reduzido e aproximadamente as dimensões do campo de badminton.

A pontuação e a notação são efectuadas como no jogo formal e o posicionamento dos jogadores em campo é efectuado segundo a figura abaixo representada.



- **Funções dos jogadores:**
 - Jogador 1 - Defende e Serve
 - Jogadores 2 e 3 - Defendem e Atacam
 - Jogador 4 - Distribui
- **Como deve ser realizada cada jogada com 3 toques:**
 - Recepção/defesa - Jogadores 2, 3 e 4 (1º Toque);
 - Distribuição - Jogador 4 (2º Toque);
 - Remate - Jogadores 2 e 3 (3º Toque).

Unidade Temática de Voleibol 10ª A



Capitão/Treinador

O capitão/treinador é um líder, pelo que só um aluno responsável pode assumir esta função. A responsabilidade, calma e tranquilidade, são fundamentais na explicação dos exercícios. O capitão/treinador tem também a função de ajudar e orientar todos os colegas no desempenho das suas funções e incentivar e liderar o grupo. Não se esqueças, há o teu melhor! Significa esse posto.

Os capitães/treinadores têm a obrigação de conhecer e saber que os elementos da equipa serão que fazer e saber o desempenho dos seus cargos: árbitro, cronometrista, oficial de mesa e responsável pelo material/espço).

NOTA: As funções dos capitães/treinadores estão retratadas no manual específico para esse posto, e

MANUAL DO CAPITÃO/TREINADOR

&

&

&

&

Ser capitão/treinador é uma responsabilidade e uma Honra!

&

&

&

Se és Capitão/Treinador lê o teu manual e dá a equipa a máxima atenção!

&

VIVE VERDADEIRAMENTE

O ESPORTE!

Professores: Luísa Brandão e Ricardo Alves



14



Fichas

Ficha 1

Ficha de jogo de Voleibol									
BOLETIM DE JOGO Nº: &			RESULTADO FINAL & - &						
			EQUIPA & : & - & EQUIPA & : &						
HORAS: &			CAMPO: &						
EQUIPA & :			EQUIPA & :						
Nº &	NOME &	Capitão &	EQUIPA & :						
&	&	&	&						
&	&	&	&						
&	&	&	&						
&	&	&	&						
&	&	&	&						
&	&	&	&						
&			PONTOS &						
&			&						
&			&						
& 1 &	& 2 &	& 3 &	& 4 &	& 5 &	&				
& 6 &	& 7 &	& 8 &	& 9 &	& 10 &					
& 11 &	& 12 &	& 13 &	& 14 &	& 15 &					
& 16 &	& 17 &	& 18 &	& 19 &	& 20 &					
& 21 &	& 22 &	& 23 &	& 24 &	& 25 &					
&									
&									
&									
&									
&									
OBSERVAÇÕES: &									
&									
&									
Secretário: & Arbitro: & Capitães: & & & & & &									



Ficha 2

Grelha de observação para cada equipa/ jogador																																		
Equipa: _____ Jogo: _____ Jornada: _____ Data: _____																																		
Índices	Ocorrências																														Total			
Serviço: serve com eficácia (passar a rede)																																		
Passe: adequa a sua posição à altura da trajectória da bola.																																		
Manchete: desloca-se interceptando a bola no meio dos apoios.																																		
Táctica: após 1º toque o jogador ganha posição para efectuar o 3º toque																																		
Táctica: O 3º toque é efectuado com intencionalidade.																																		
Táctica: Existe comunicação verbal entre os jogadores.																																		

Ficha 3

Aspectos Psico-sociais	
Comportamentos – O jogador:	Nota
Cumriu as regras do jogo	
Aceitou as decisões do árbitro	
Encorajou e ajudou os colegas	
Respeitou os colegas da equipa adversária	
Jogou com esforço e lealdade	
Não gerou nem participou em conflitos	

- 1 – Mau
- 2 – Medíocre
- 3 – Suficiente
- 4 – Bom
- 5 – Muito Bom



ANEXO 5: Fotos Modelo de Educação Desportiva



